

CONFORTO

SENSIBILIDADE

AFETO

enriquecimento

AMPARO

aprendizagem

companheirismo

Empatia

ENCANTAMENTO

NTILEZA

escuta

sensível

encantamento

AMOROSO

PARTILHA

acolhimento

alegria

tranquilidade

GRATIDÃO

DESABAFO

ORGANIZADORAS

Ana Paula Marques Beato-Canato

Denise Mohr

Hellen Christina Gonçalves

Katia Bruginski Mulik

Millene Barros Guimarães de Sousa

NARRATIVAS DE EDUCADORAS/ES NO ENSINO REMOTO

criando espaços para a escuta sensível



Programa de
Pós-Graduação
em Letras – UFPR



ORGANIZADORAS

Ana Paula Marques Beato-Canato

Denise Mohr

Hellen Christina Gonçalves

Katia Bruginski Mulik

Millene Barros Guimarães de Sousa

NARRATIVAS DE EDUCADORAS/ES NO ENSINO REMOTO

criando espaços para a escuta sensível



Programa de
Pós-Graduação
em Letras - UFPR

| São Paulo | 2022 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2022 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2022 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Airton Carlos Batistela <i>Universidade Católica do Paraná, Brasil</i>	Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil</i>	Breno de Oliveira Ferreira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Carla Wanessa Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Alexandre Antonio Timbane <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Alexandre Silva Santos Filho <i>Universidade Federal de Goiás, Brasil</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Daiane Nunes Mascarenhas <i>Universidade Estadual da Bahia, Brasil</i>	Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Aline Pires de Moraes <i>Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil</i>	Daniel Nascimento e Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Ana Carolina Machado Ferrari <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Danielle Aparecida Nascimento dos Santos <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>
Andre Luiz Alvarenga de Souza <i>Emill Brunner World University, Estados Unidos</i>	Delton Aparecido Felipe <i>Universidade Estadual de Maringá, Brasil</i>
Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Católica de Pernambuco, Brasil</i>	Doris Roncareli <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade Católica de São Paulo, Brasil</i>	Edson da Silva <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>
Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Elena Maria Mallmann <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Beatriz Braga Bezerra <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>	Emanuel Cesar Pires Assis <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>

Erika Viviane Costa Vieira
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Everly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fauston Negreiros
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Barcellos Razuck
Universidade de Brasília, Brasil

Francisca de Assiz Carvalho
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Gabrielle da Silva Forster
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Guilherme do Val Toledo Prado
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Vitoriano
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
Anísio Teixeira, Brasil*

Helen de Oliveira Faria
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Heloisa Candello
IBM e University of Brighton, Inglaterra

Heloisa Juncklaus Preis Moraes
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Ismael Montero Fernández,
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Jeronimo Becker Flores
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Josué Antunes de Macêdo
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Júlia Carolina da Costa Santos
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Karlla Christine Araújo Souza
Universidade Federal de Paraíba, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal de Paraíba, Brasil

Leandro Fabricio Campelo
Universidade de São Paulo, Brasil

Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lidia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Luan Gomes dos Santos de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Luciano Carlos Mendes Freitas Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Marceli Cherchiglia Aquino
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Marcia Raika Silva Lima
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Maria Angelica Penatti Pipitone
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria de Fátima Scaffo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Isabel Imbrônio
Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Luzia da Silva Santana
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Sandra Montenegro Silva Leão
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Miguel Rodrigues Netto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Helena dos Santos Carneiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patricia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Patricia Mara de Carvalho Costa Leite
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Paulo Augusto Tamanini
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Priscilla Stuart da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Radamés Mesquita Rogério
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Ramofly Bicalho Dos Santos
Universidade de Campinas, Brasil

Ramon Taniguchi Piretti Brandao
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Rarielle Rodrigues Lima
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Renatto Cesar Marcondes
Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rita Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Taiza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcisio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade de Brasília, Brasil

Thiago Guerreiro Bastos
Universidade Estácio de Sá e Centro Universitário Carioca, Brasil

Thyana Farias Galvão
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Valdir Lamim Guedes Junior
Universidade de São Paulo, Brasil

Valeska Maria Fortes de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Walter de Carvalho Braga Júnior
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Wagner Corsino Enedino
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wanderson Souza Rabello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Washington Sales do Monte
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Adilson Cristiano Habowski <i>Universidade La Salle - Canoas, Brasil</i>	Antônia de Jesus Alves dos Santos <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>
Adriana Flavia Neu <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Antonio Edson Alves da Silva <i>Universidade Estadual do Ceará, Brasil</i>
Aguimario Pimentel Silva <i>Instituto Federal de Alagoas, Brasil</i>	Ariane Maria Peronio Maria Fortes <i>Universidade de Passo Fundo, Brasil</i>
Alessandra Dale Giacomini Terra <i>Universidade Federal Fluminense, Brasil</i>	Ary Albuquerque Cavalcanti Junior <i>Universidade do Estado da Bahia, Brasil</i>
Alessandra Figueiró Thornton <i>Universidade Luterana do Brasil, Brasil</i>	Bianca Gabriely Ferreira Silva <i>Universidade Federal de Pernambuco, Brasil</i>
Alessandro Pinto Ribeiro <i>Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil</i>	Bianka de Abreu Severo <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Alexandre João Appio <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>
Aline Corso <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Bruna Donato Reche <i>Universidade Estadual de Londrina, Brasil</i>
Aline Marques Marino <i>Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Brasil</i>	Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Aline Patricia Campos de Tolentino Lima <i>Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil</i>	Camila Amaral Pereira <i>Universidade Estadual de Campinas, Brasil</i>
Ana Emídia Sousa Rocha <i>Universidade do Estado da Bahia, Brasil</i>	Carlos Eduardo Damian Leite <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Ana Iara Silva Deus <i>Universidade de Passo Fundo, Brasil</i>	Carlos Jordan Lapa Alves <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Ana Julia Bonzanini Bernardi <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>	Carolina Fontana da Silva <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães <i>Universidade Federal de Uberlândia, Brasil</i>	Carolina Fragoço Gonçalves <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
André Gobbo <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>	Cássio Michel dos Santos Camargo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil</i>
André Luis Cardoso Tropiano <i>Universidade Nova de Lisboa, Portugal</i>	Cecilia Machado Henriques <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
André Ricardo Gan <i>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil</i>	Cintia Moralles Camillo <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Andressa Antonio de Oliveira <i>Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil</i>	Claudia Dourado de Salces <i>Universidade Estadual de Campinas, Brasil</i>
Andressa Wiebusch <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Cleonice de Fátima Martins <i>Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil</i>
Angela Maria Farah <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Cristiane Silva Fontes <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>
Anísio Batista Pereira <i>Universidade Federal de Uberlândia, Brasil</i>	Cristiano das Neves Vilela <i>Universidade Federal de Sergipe, Brasil</i>
Anne Karynne da Silva Barbosa <i>Universidade Federal do Maranhão, Brasil</i>	Daniele Cristine Rodrigues <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>

Daniella de Jesus Lima
Universidade Tiradentes, Brasil

Dayara Rosa Silva Vieira
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deborah Susane Sampaio Sousa Lima
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Diogo Luiz Lima Augusto
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Ederson Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Elaine Santana de Souza
*Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro, Brasil*

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Elias Theodoro Mateus
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elizânia Sousa do Nascimento
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Emanuella Silveira Vasconcelos
Universidade Estadual de Roraima, Brasil

Érika Catarina de Melo Alves
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Everton Boff
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Fabiana Aparecida Vilaça
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Fabiano Antonio Melo
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Fabricia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fabício Nascimento da Cruz
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fabício Tonetto Londero
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Francisco Isaac Dantas de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Gean Breda Queiros
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Glaucio Martins da Silva Bandeira
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Heliton Diego Lau
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jeanne Carla Oliveira de Melo
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

João Eudes Portela de Sousa
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

João Henriques de Sousa Junior
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Juliana da Silva Paiva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Lais Braga Costa
Universidade de Cruz Alta, Brasil

Leia Mayer Eyng
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcos dos Reis Batista
Universidade Federal do Pará, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Miriam Leite Farias
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Natália de Borba Pugens
Universidade La Salle, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raick de Jesus Souza
Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Railson Pereira Souza
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Valdemar Valente Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Wallace da Silva Mello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Wellton da Silva de Fátima
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Wilder Kleber Fernandes de Santana
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Caroline dos Reis Soares
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Editoração eletrônica	Lucas Andrius de Oliveira Peter Valmorbida
Imagens da capa	Kues1 - Freepik.com
Revisão	Os autores e autoras
Organizadoras	Ana Paula Marques Beato-Canato Denise Mohr Hellen Christina Gonçalves Katia Bruginski Mulik Millene Barros Guimarães de Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N234 Narrativas de educadoras/es no ensino remoto: criando espaços para a escuta sensível. Ana Paula Marques Beato-Canato, Denise Mohr, Hellen Christina Gonçalves, Katia Bruginski Mulik, Millene Barros Guimarães de Sousa - organizadoras. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. 137p..

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5939-368-8 (eBook)

1. Educação. 2. Ensino remoto. 3. Pandemia.
4. Narrativas biográficas. 5. Escola. I. Beato-Canato, Ana Paula Marques. II. Mohr, Denise. III. Gonçalves, Hellen Christina. IV. Mulik, Katia Bruginski. V. Sousa, Millene Barros Guimarães de. VI. Título.

CDU: 370

CDD: 370

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.688

PIMENTA CULTURAL

São Paulo - SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 2



“Ouvir as vozes e os pensamentos individuais uns dos outros, e às vezes relacionar essas vozes com nossa experiência pessoal, nos torna mais conscientes uns dos outros.”

bell hooks

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que participaram do curso de extensão, especialmente às/aos educadoras/es que concederam a partilha de suas narrativas neste *e-book*, pelas experiências trocadas e os laços afetivos criados em um momento em que precisá(va)mos de apoio pessoal e profissional para a compreensão, o acolhimento e o enfrentamento de emoções e sentimentos gerados pelo ensino remoto.

À professora Marlene, que captou toda a essência do que buscamos com a oferta do curso e desta publicação e escreveu o prefácio da obra de forma sensível e acolhedora.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná e ao Núcleo de Assessoria Pedagógica (NAP) da mesma instituição pelo apoio institucional ao longo da realização do curso de extensão e pelo fomento para a publicação desta obra.

SUMÁRIO

Prefácio 14

Capítulo 1

**Encontros, escutas, partilhas e aprendizados
de educadoras no ensino remoto:**

uma narrativa sobre nossa experiência 24

Ana Paula Marques Beato-Canato

Denise Mohr

Hellen Christina Gonçalves

Katia Bruginski Mulik

Millene Barros Guimarães de Sousa

Capítulo 2

**Minha trajetória rizomática
nas janelas da pandemia:**

ansiedades, tristezas, aprendizagens,

acolhimentos e esperanças 45

Ana Paula Marques Beato-Canato

Capítulo 3

Era uma vez março de 2020 57

Denise Mohr

Capítulo 4

**A solidão do trabalho
docente durante a pandemia:**

uma carta na garrafa, destinada a Paulo Freire 64

Hellen Christina Gonçalves

Capítulo 5

Entre janelas e silêncios:

digressões de uma professora
de língua inglesa na pandemia..... 70
Katia Bruginiski Mulik

Capítulo 6

Narrativa em sentimentos específicos..... 80

Millene Barros Guimarães de Sousa

Capítulo 7

Sobre uma janela e uma conexão 86

Camila Haus

Capítulo 8

E por que reprimimos nossas emoções?

A pandemia cerceando sentimentos e espaços 94
Rogério Alexandre das Dores

Capítulo 9

Narrativa sobre o ensino remoto

a partir das vivências de uma professora

aposentada: Quais janelas? Quais escutas? 100
Elza de Fátima Dissenha Costa

Capítulo 10

A pandemia na sala de aula:

uma nova forma de ensinar 107
Erion Marcos do Prado

Capítulo 11

Carta de uma pesquisadora iluminada..... 112

Josemari Poerschke de Quevedo

Capítulo 12

Do chão da sala de aula às plataformas digitais 116

Lara Bellini

Capítulo 13

Afetos, pandemia e educação! 122

Bianca de Campos

Capítulo 14

**Narrativa de estagiária:
ressignificando vivências
em uma sala *on-line* de professores 128**

Maria Luiza de Paula

Sobre as organizadoras 133

Sobre os autores e autoras..... 135

Índice remissivo..... 137

PREFÁCIO

Marlene de Almeida Augusto de Souza

Março de 2020. Pandemia e decreto de isolamento físico.

Incerteza, medo, ansiedade, angústia, solidão, desafio... são algumas das emoções que descrevem o que as pessoas ao redor do mundo estavam sentindo naquele momento.

Entre docentes, as sensações são muito parecidas. A preocupação com suas/seus discentes, não apenas em termos de aprendizado, mas também de bem-estar, faz com que as/os docentes não tenham tempo para se lamentar. Essas/es profissionais sabem que a maioria de suas/seus discentes faz parte de famílias cujos integrantes estão “a sul da quarentena” (SOUSA SANTOS, 2020). Há mulheres, trabalhadoras/es informais (ditas/os autônomas/os), pessoas que moram nas periferias, nas comunidades sem um mínimo de infraestrutura (saneamento, água, esgoto, luz, asfalto...) que enfrentam a injustiça, discriminação, exclusão social. Para essas/es discentes, a educação pode ser o único caminho para um futuro diferente. Sendo assim, a escola não pode parar.

Sem a sala de aula física e as interações presenciais, é preciso des/re/construir o processo de ensino e aprendizagem. As novas tecnologias digitais e da comunicação ajudam a (re)criar os diferentes espaços de interação tanto social (conversas com colegas, familiares) e de trabalho (*home office*) quanto de ensino. A sala de aula foi transferida para uma tela, fosse de um celular ou de um computador. No caso das/os discentes sem acesso a esses equipamentos, à *internet*, a solução foi o material impresso disponibilizado nas escolas.

Diante de um contexto tão desafiador e, em muitos casos, caótico, qual deveria ser o papel das universidades na oferta de cursos de formação continuada de docentes? Com a mudança no espaço da sala de aula do físico para o virtual, seria o caso de ofertar apenas cursos voltados para o uso das tecnologias digitais? Será que as/os docentes acostumadas/os a lidar com tantos imprevistos no dia a dia não conseguiriam encontrar estratégias para esta “nova” sala de aula? Considerando a explosão de sentimentos – ansiedade, angústia, solidão – e o desafio provocados pela pandemia, pelo isolamento, não seria o caso de uma proposta de formação continuada de docentes para além de questões teóricas e técnicas?

Foram as palavras de um escritor (e não de um teórico), Rubem Alves, que provocaram as organizadoras do curso a construírem uma proposta de formação continuada de docentes cujo objetivo principal era criar um espaço para a “escutatória”.

Teoricamente, essa proposta também encontra respaldos. Há muitas pesquisas que discutem emoções e educação, ensino e aprendizado de línguas, formação de docentes (BENESCH, 2016; JORDÃO, 2019; MASTRELLA, [2000] 2005¹; OLIVEIRA, 2021). Segundo Benesch (2016, p. 2), é importante considerar as emoções, já que elas “[...] são discursivamente construídas e essas construções afetam o pensamento e a ação”. Ou seja, um curso de “escutatória” para docentes durante uma pandemia que provocou tantas mudanças sócio político-culturais seria um espaço para identificar as emoções que estavam sendo construídas discursivamente e para entender como os pensamentos e as ações estavam sendo afetados. Nos encontros, as/os participantes teriam a oportunidade de compartilhar as experiências que estavam sendo vivenciadas durante a pandemia, o isolamento físico, as aulas remotas. Estaria garantido que haveria muitos ouvidos atentos para acolher todas as emoções, os sentimentos impressos naquelas experiências.

¹ Ao longo do livro, nas referências, foi adotada a seguinte padronização para a data de publicação: [ano da 1.ª edição] ano da edição consultada.

Ao ler este e-book, temos acesso a uma parte do que aconteceu nos encontros do curso intitulado *Narrativas de educadoras/es no ensino remoto: criando espaços para a escuta sensível*. Treze participantes, incluindo as organizadoras, aceitaram abrir suas janelas para nos mostrar os efeitos desses momentos de “escutatória sensível” em suas vidas pessoais e profissionais. Nas narrativas é possível perceber que, ao longo do caminho, a incerteza, o medo, a ansiedade, a angústia e a solidão foram dando lugar ao acolhimento, à empatia, à inspiração, à gratidão e também ao esperar.

Ana Paula Marques Beato-Canato é a responsável por abrir as primeiras janelas da obra com sua narrativa *Minha trajetória rizomática nas janelas da pandemia: ansiedades, tristezas, aprendizagens, acolhimentos e esperanças*. Diante do olhar do/a leitor/a, ela vai descrevendo os sentimentos vividos por ela durante a pandemia – ansiedade, tristeza, angústia, medo, indignação. Ao mesmo tempo, ela se propõe a expandir seu olhar, suas perspectivas em relação aos efeitos de todas essas experiências sobre sua vida profissional. No início, houve angústia, mas também houve muito trabalho remoto, que resultou em um e-book gratuito, *Linguagem na vida* (MATTOS BRAHIM; FERNANDES; BEATO-CANATO; JORDÃO; FIGUEIREDO; MARTINEZ, 2021). A família foi importante nessa fase, garantindo o amor, o afeto e a alegria necessários para enfrentar tantos desafios. As aulas foram retomadas de forma remota e com a preocupação de que acontecessem em um espaço acolhedor, de escuta sensível. Os diálogos profissionais foram sendo expandidos – “ecologia dos saberes” – e antigas parcerias foram resgatadas. Freire está presente em todos os momentos, nas reflexões, nos afetos e na esperança/no esperar que tomou forma em um curso e nas narrativas docentes. Nesse processo, a autora se desloca de um saber ingênuo, do senso comum, para um saber crítico, reflexivo, em que se percebe implicada, imbricada, rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1987).

Em sua narrativa, *Era uma vez março de 2020*, Denise Mohr começa relatando que, se antes da pandemia se sentia solitária sendo a única professora de Italiano na rede pública estadual em Curitiba, o ensino remoto, por sua vez, possibilitou que se sentisse parte de um coletivo, já que a experiência estava sendo vivenciada por todas/os docentes das diferentes áreas e redes de ensino. Ela enfatiza que os desafios e as emoções marcaram todo seu caminho durante a pandemia. As superações foram resultantes dos vínculos criados e das trocas de conhecimentos. Se o ensino remoto rompeu os limites entre privado e público, coube à professora ter a sensibilidade para propor atividades que permitissem às/aos discentes falarem de si compartilhando suas experiências sobre o convívio e o apoio da família e dos bichos de estimação, por exemplo, bem como suas emoções, medos. Ou seja, o acolhimento, que a professora Denise Mohr identifica em um projeto destinado a migrantes e refugiados e sugere que seja estendido para as escolas públicas em todas as disciplinas, está presente em todo o seu trabalho durante o ensino remoto.

Hellen Christina Gonçalves compartilha conosco sua narrativa em forma de carta, em um texto intitulado *A solidão do trabalho docente durante a pandemia: uma carta na garrafa, destinada a Paulo Freire*. A autora apresenta as sensações iniciais: era um misto de situação assustadora e desafiadora. Os desafios estavam por todos os lados, tanto no novo ambiente de trabalho, o quarto, tendo ao fundo o guarda-roupa; passando pelas novas salas de aula, os ambientes virtuais; assumir a coordenação, ao mesmo tempo que tinha a sensação de estar sozinha, já que as/os discentes não participavam. Nada disso foi suficiente para fazer a professora Hellen desistir; pelo contrário, ela organizou um curso de extensão para conversas sobre filmes e séries em espanhol e também um curso de Introdução à Língua e Cultura Polonesa. As experiências foram muitas, provocando outras tantas inquietações, que serão registradas em novas cartas a serem despachadas em garrafas ou publicadas em livros.

Na narrativa intitulada *Entre janelas e silêncios: digressões de uma professora de Língua Inglesa na pandemia*, Katia Bruginski Mulik nos coloca diante de sua janela, marcada por um grande silêncio que ela vai traduzindo em palavras ao longo do seu texto. A autora nos convida a ver tanto a paisagem de fora, a rua, a casa dos vizinhos, quanto a paisagem de dentro, o escritório da casa transformado na nova sala de aula de uma professora de Língua Inglesa durante a pandemia. A autora descreve o quanto essas duas paisagens eram parecidas. Havia um silêncio nas ruas. E o silêncio também estava presente durante as aulas; as/os discentes não se manifestavam, não faziam perguntas, não participavam. Katia concorda com bell hooks sobre a necessidade de participar do crescimento intelectual e espiritual das/os discentes. Ela entende que, durante as aulas, é preciso falar da vida, pois o papel da escola é “preparar para a vida”, e que não se pode separar razão e emoção. A sua narrativa apresenta que a realidade na pandemia, no ensino remoto, no entanto, foi bem diferente. Ao final do texto Katia demonstra esperança ao fazer referência ao mito de *Janus*, que é o deus dos términos, do encerramento de ciclos, mas também dos recomeços, representando a dualidade das relações humanas. Ela termina sua narrativa apontando para novos recomeços e outras janelas.

Millene Barros Guimarães de Sousa organiza seu texto – *Narrativa em sentimentos específicos* – de forma a garantir que escutemos todos os sentimentos aflorados durante a pandemia e o ensino remoto. Ela nos conta das suas incertezas, angústias e dos seus medos em um contexto bastante específico, a educação especial para pessoas com deficiência visual. Ao longo de sua narrativa, a autora se pergunta se o que estava acontecendo poderia ser considerado uma nova pedagogia. A partir da descrição dos eventos vividos de maneira bastante solitária, ela mesma chega à conclusão de que se tratava de uma *pedagogia do possível*. A escola, inicialmente, apresentou uma proposta de acolhimento que fracassou, pois se preocupou apenas em passar tarefas. A criação de laços afetivos, tão necessários no espaço escolar, acabou

não acontecendo. Em sua narrativa, Millene nos dá pistas de um possível caminho para uma pedagogia que permita a criação de laços afetivos, não apenas em situações de exceção, como foi o ensino remoto durante a pandemia, mas que seja a regra nos espaços de ensino.

Camila Haus, em sua narrativa *Sobre uma janela e uma conexão*, recorre às palavras de GH, personagem de um dos livros de Clarice Lispector, para traduzir as suas próprias experiências durante a pandemia e o ensino remoto. A sensação era de paralisia diante de tudo o que estava acontecendo. Ao abrir sua janela, ela mostra que os sentimentos predominantes durante aqueles meses foram de sufoco, desesperança, angústia e solidão diante de um computador e de uma sala de aula na plataforma Zoom. Sensações mais agradáveis começaram a ser despertadas basicamente por dois motivos. O primeiro deles foi quando Camila posicionou o computador em uma mesa de frente para uma janela que permitia ver a paisagem, o céu, o sol. Novas sensações também surgiram quando ela assistiu aos vídeos das/os discentes, resultantes de um projeto que envolvia questões sociais. A conexão entre docente e discentes existia mesmo sem a presença física. A paralisia inicial foi substituída por uma esperança de abrir outras janelas para ver o sol e estabelecer novas conexões.

Em sua narrativa, *E por que reprimimos nossas emoções? A pandemia cerceando sentimentos* e espaços, Rogério Alexandre das Dores começa falando sobre o desafio e a decisão acertada em participar do curso apesar de tantas outras obrigações. Abrir-se para a escuta sensível dos relatos de colegas sobre o que estavam sentindo, pensando sobre a pandemia e o isolamento físico foi bastante importante porque permitiu que Rogério refletisse sobre as várias questões relacionadas tanto às dores, aos desafios quanto a ser professor não apenas nesse contexto. Para Rogério, a criatividade é a solução não apenas para artistas, publicitários ou comediantes, mas para todas/os, inclusive docentes. Se crescemos reprimindo nossos sentimentos e nossas emoções,

Rogério encontrou no curso o espaço para escutar e falar sobre os sentimentos e as emoções provocados pela pandemia e o isolamento.

Em *Narrativa sobre o ensino remoto a partir das vivências de uma professora aposentada: Quais janelas? Quais escutas?*, quem abre as janelas de suas experiências é Elza de Fátima Dissenha Costa. A sua narrativa apresenta características bastante específicas, já que é construída a partir do olhar de uma professora aposentada que continua na ativa vivendo diversas consequências de uma pandemia e de um isolamento físico em um ensino remoto. Em seu texto, Elza abre as janelas de todos os espaços que frequentou durante a pandemia e o isolamento. Ela conta que acompanhou estudantes haitianos e foi voluntária do Coletivo Marmitas da Terra, atendendo pessoas em situação de rua, além de ter participado do Fórum Paranaense de EJA (Educação de Jovens e Adultos) e de um grupo de pesquisa de Linguística Aplicada. Em todos esses espaços, ela atuava inspirada pelas ideias de Freire sobre uma práxis revolucionária e transformadora, bem como pela busca de um diálogo genuíno com o outro. Elza nos inspira a romper até mesmo as barreiras do isolamento físico provocado por uma pandemia para uma escuta e uma atuação em ambientes com pessoas que precisam de uma atenção especial.

Erion Marcos do Prado, em *A pandemia na sala de aula: uma nova forma de ensinar*, começa seu texto mencionando as barreiras já conhecidas do ensino presencial – a indisciplina e a desmotivação, por exemplo. Por outro lado, no espaço digital a dificuldade é, segundo o autor, ter que (re)aprender a interagir com suas/seus discentes. Em um dos trechos de seu texto, Erion faz a seguinte constatação: “Agora não só trago serviço para casa como também trabalho na maior parte das vezes em casa”. Para ele, um dos grandes problemas provocados pela pandemia, pelo isolamento e pelo ensino remoto foi o apagamento das fronteiras entre público, privado e profissional. Erion também chama atenção para o fato de que o ensino remoto, baseado em recursos

digitais, evidenciou as diferenças sociais no Brasil, já que muitas/os discentes não tinham acesso a tais recursos. Consequentemente, as/os docentes assumiram mais um papel dentro desse caos – a busca ativa, ou seja, encontrar as/os discentes para que voltassem a estudar. O final do texto de Erion marca que, no momento em que ele escrevia, a pandemia ainda rondava as nossas vidas. Ele conta que recebeu a notícia sobre a morte de uma professora com quem trabalhava, vítima de Covid-19. Ao relatar esse fato, Erion nos provoca a refletir sobre a (não) possibilidade de volta ao “normal” ou de um “novo normal”.

Josemari Poerschke de Quevedo, em *Carta de uma pesquisadora iluminada*, começa sua narrativa descrevendo as suas diferentes sensações naquele início de pandemia e isolamento físico. Era um misto de exaustão e necessidade de descanso, pela conclusão e defesa da tese em 2019, e a concordância com Freire de que o aprendizado acontece no diálogo com o outro. Se, naquele momento, esse diálogo com o outro só era possível por meios digitais, Josemari tinha suas ressalvas, já que, para ela, a dimensão emocional é afetada. Na dimensão pessoal, a ansiedade, a angústia e a solidão eram emoções presentes – emoções essas que puderam ser compartilhadas e ressignificadas no curso de extensão de escuta sensível. Ao longo da sua narrativa, é possível identificar que angústia e solidão vão dando lugar à confiança, ao esperar.

Em *Do chão da sala de aula às plataformas digitais*, Lara Bellini começa contando sobre seu sonho, desde criança, de ser professora e da inspiração que encontrou na sua professora de Português. No começo da narrativa são descritas as experiências vividas no “chão da sala de aula”, que é marcado por sentimentos de gratidão, prazer em estudar, liberdade de pensamento proporcionado pelo estudo. A pandemia abre a janela para uma escola que acontece nas plataformas digitais. Essa fase é marcada por desafios, flexibilidade, transformações, amizade, empatia, trocas de saberes, insegurança, fragilidade, medos e também superação e aperfeiçoamento. Finalmente,

Lara reconhece que há, de um lado, a efemeridade da pandemia e, de outro, a eternidade das memórias dos momentos agradáveis vividos e compartilhados com as/os discentes.

Na narrativa *Afetos, pandemia e educação!*, Bianca de Campos começa (re)lembrando que as dificuldades, incertezas e medos decorrentes da pandemia não podiam ser motivos para interromper a caminhada. E esse otimismo está presente em todo o seu relato. Ela conta que tem experiência tanto no ensino regular quanto na EJA, especificamente com discentes do sistema de privação de liberdade. Em ambos os contextos, Bianca adota uma perspectiva de ensino de línguas em que também são considerados vivências, sentimentos, afetos e desafetos. As suas aulas incluem conversas sobre os afetos, além de trocas de experiências para lidar com a ansiedade, recorrendo à música, chá e respiração, por exemplo. No final do seu texto, Bianca reforça a necessidade de um diálogo sensível com todas/os as/os discentes, seja as/os do ensino regular, seja as/os que estão privadas/os de liberdade, para que falem e escutem sobre seus afetos.

Maria Luiza de Paula é a responsável por abrir a última janela do e-book, com o texto *Narrativa de estagiária: ressignificando vivências em uma sala on-line de professores*. A sua idade, 19 anos, e o fato de ser estagiária no momento da redação da narrativa nos ajudam a lembrar e a manter viva na memória a importância do esperar. Maria Luiza também passou pela fase da desesperança, do desânimo, do cansaço e da ansiedade. No entanto, logo ela reconhece que no curso há espaço para partilha, e “como é bom partilhar!”. Ao longo de seu texto, ela descreve o que aprendeu além de teorias: “ampliei saberes, métodos, conhecimentos, vivências e (por que não?) narrativas”. Ela ainda mostra que pode ressignificar a vida e o caos.

Ao encerrar a leitura das treze narrativas, é possível afirmar que Paulo Freire esteve presente nas linhas, entrelinhas, em cada palavra,

vírgula e ponto-final, que se transformavam em novas linhas, entrelinhas, palavras, vírgulas, num caminhar constante, esperançoso.

Sem dúvidas, esta obra é uma inspiração para a criação de outros espaços na educação onde predomine a “escutatória sensível”.

Boa leitura!

Marlene

Janeiro/2022

REFERÊNCIAS

BENESCH, Sarah. Critical approaches to the study of emotions in English language teaching and learning. **The Encyclopedia of Applied Linguistics**, edited by Carol A. Chapelle. John Wiley & Sons, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **A thousand plateaus: capitalism and schizophrenia**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.

JORDÃO, Clarissa Menezes. O lugar da emoção na criticidade do letramento. *In*: FERRAZ, Daniel de Mello; KAWACHI-FURLAN, Claudia Jotto. (Org.).

Bate-papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 58-66.

MASTRELLA, Mariana Rosa. Ansiedade e crenças: considerações sobre a afetividade em sala de aula de língua inglesa. *In*: MELLO, Heloísa Augusta Brito de; DALACORTE, Maria Cristina Faria (Org.). **A sala de aula de língua estrangeira**. 2. ed. Goiânia: Ed. da UFG, [2000] 2005. p. 115-153.

MATTOS BRAHIM, Adriana Cristina Sambugaro de; FERNANDES, Alessandra Coutinho; BEATO-CANATO, Ana Paula Marques; JORDÃO, Clarissa Menezes; FIGUEIREDO, Eduardo Henrique Diniz de; MARTINEZ, Juliana Zeggio. **A linguagem na vida**. Campinas: Pontes, 2021.

OLIVEIRA, Ana Claudia Turcato de. Emoções e ensino crítico de línguas: uma abordagem político-cultural das emoções de uma professora de Inglês. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 21, p. 81-106, 2021.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

1

Ana Paula Marques Beato-Canato

Denise Mohr

Hellen Christina Gonçalves

Katia Bruginski Mulik

Millene Barros Guimarães de Sousa

ENCONTROS, ESCUTAS, PARTILHAS E APRENDIZADOS DE EDUCADORAS NO ENSINO REMOTO: uma narrativa sobre nossa experiência

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar... Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória, mas acho que ninguém vai se matricular. Escutar é complicado e sutil. (RUBEM ALVES).

O objetivo deste texto, escrito a dez mãos, é apresentar o curso que deu origem a este e-book, bem como criar inteligibilidades sobre nossas experiências nesse percurso. Intitulado *Narrativas de educadoras/es no ensino remoto: criando espaços para a escuta sensível*, o curso de extensão, idealizado por nós, surgiu com o olhar descrito por Rubem Alves na epígrafe deste capítulo. Somos cinco mulheres inquietas e professoras interessadas em fazer algo coletivamente que pudesse reunir outras pessoas também com sede de um lugar para compartilhar vivências, ouvir, ouvindo-se e sendo ouvidas; pessoas afoitas por trocar experiências de vida (pessoal e profissional), construir sentidos, produzir conhecimentos e experiências em grupos, em um processo de ler-se lendo (MENEZES DE SOUZA, 2011), escutar-se escutando e conscientizando-se de si e do outro.

O percurso de construção do curso tornou-se um exercício generoso de olhar para nós e para as/os outras/os e buscar uma abordagem freireana² que nos convida ao *empowering* de nós mesmas enquanto visamos *empower* nossas/os discentes, em um projeto mais amplo de reconstrução social e política, no qual nossas vidas, nossos corpos, nossas emoções são colocados em primeiro plano, em conjunto com os conhecimentos a serem aprendidos e partilhados. *Empowerment*, ou empoderamento, é um conceito freireano que enfatiza a força das interações sociais, do coletivo, para a conscientização, o engajamento e a busca por transformações (FREIRE; SHOR, 1986). Portanto, empoderamento para Freire seria um ato social e político, um eixo que une consciência e liberdade, resultado de uma práxis de problematização, reflexão e inserção crítica provocada por perguntas que nos colocam em ação (GUARESCHI, 2019).

² Assim como Ana Lúcia Araújo Freitas (2020) no livro *Leituras de Freire: uma trilogia de referências*, optamos por empregar a grafia *freireano* para manter inalterado o nome do autor, diferentemente do que indicam as normas ortográficas, que sugerem o uso de *freiriano*.

O encontro dessas cinco professoras aconteceu durante a participação em outro curso de extensão, oferecido por uma de nós no início de 2021, juntamente com dois colegas. Naquele curso, tivemos oportunidade de dialogar sobre diferentes questões que vivenciamos no ensino remoto, tendo sido possível a criação de um ambiente de troca de saberes e de experiências, com esse mesmo olhar de empoderamento coletivo. Quando o curso chegou ao fim, queríamos dar sequência àquele contato tão agradável e importante que havia se estabelecido, focando ainda mais nas vivências e angústias do ensino remoto. Em uma curta troca de mensagens pelo Google Classroom, como ilustra a Figura 1, seguida de uma breve conversa no final do último encontro do curso anterior, o nosso grupo se formou e uma proposta inédita começou a ser elaborada. Nos unimos de forma espontânea e voluntária, movidas pela inquietação de dar voz às experiências que estavam silenciadas e fortalecer o coletivo.

Figura 1 - Captura de tela da postagem que motivou a criação do nosso curso



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2021).

Nosso curso foi planejado e realizado entre os meses de abril e junho de 2021, em um momento triste e inédito de uma longa pandemia, que ceifa milhares de vidas diariamente, causando perdas, dores e incertezas. Um dos pontos que nos aproximou no curso e que nos une enquanto docentes é a tentativa de entender o momento que estamos passando e como nosso contexto educacional se estabelece em meio a tantas aflições, inseguranças, protocolos e descobertas.

Inseridas nesse cenário, ansiávamos por oportunidades para refletirmos conjuntamente sobre angústias, dificuldades e dores que têm feito parte desse quadro pandêmico; notávamos o quanto coletivos de professoras/es têm sido limitados, ou seja, não somos ouvidas sobre aspectos que têm, de fato, impactado o nosso fazer como educadoras. Ao invés disso, éramos bombardeadas por *lives*, eventos *on-line*, cursos, capacitações e imposições institucionais. Esses momentos se entrelaçavam e se confundiam com nossa vida pessoal, doméstica, em que a sala de aula estava e, em vários casos ainda permanece, dentro das nossas casas. Mas as chances de fala/escuta sensível eram poucas e essa abundância de oportunidades de aprendizagem, concomitante à escassez de trocas e reflexões conjuntas, não nos ajuda a lidar com o turbilhão diário de sentimentos que envolvem nossa prática educativa. Pelo contrário, muitas vezes, amplia as ansiedades, as frustrações e a sensação de incapacidade de mudança.

O que mais víamos por aí eram *lives*, palestras e *workshops* sobre como utilizar diferentes tecnologias e ser uma professora melhor enquanto eram silenciadas e precisavam ser compartilhadas as angústias que estávamos vivenciando, como a preocupação com a saúde e o bem-estar de nossas/os discentes, a falta de acesso à *internet* pelas/os alunas/os, o esvaziamento nas aulas promovidas pelo Google Meet, a propaganda enganosa dos governos, afirmando que o ensino remoto era um sucesso, a exaustão e sobrecarga de trabalho pelo fato de ter que atender pais e alunos via WhatsApp quase que 24 horas por

dia, 7 dias por semana, dentre tantas outras questões. Não queríamos mais apenas ouvir palestrantes renomados: queríamos acolher e dar voz às narrativas que aconteciam nos bastidores do ensino remoto. Por isso, o tempo e o exercício da escuta sensível se tornaram essenciais e nos motivaram a dar sequência a nossa proposta.

Ouvir outras vozes e acolher o outro foi a premissa desse nosso encontro, que deu origem ao curso a ser descrito e comentado na próxima parte do texto. Em outra seção, criamos inteligibilidades sobre o que o planejamento e o engajamento no curso significaram para nós e para as/os demais participantes. Finalizamos expondo algumas novas ações motivadas pelo curso e convidando você, leitor/a, a refletir e, quem sabe, planejar ações similares no seu espaço de atuação.

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CURSO

Nosso curso aconteceu, portanto, no meio virtual, via Google Meet (até hoje algumas de nós ainda não se conhecem pessoalmente), desde sua concepção e planejamento até seu desenvolvimento. Sendo oferecido em parceria com o Núcleo de Assessoria Pedagógica da Universidade Federal do Paraná (NAP-UFPR), foi pensado para um público-alvo de 40 educadoras/es — ou seja, profissionais que trabalham com estudantes em sala de aula —, com certificação de 24 horas de extensão universitária. Estruturado em 6 semanas, foi realizado um encontro semanal síncrono de 2 horas e o restante da carga horária foi cumprido de forma assíncrona com leituras e a produção de um trabalho final, o qual deu origem a este *e-book*. Com o propósito de criar um espaço de escuta sensível e acolhimento docente, organizamos um curso de extensão colaborativo, pois cada uma de nós também estava vivendo a docência durante a pandemia, com angústias e receios, e

percebemos que muitas inquietações não eram exclusividades nossas. Sabíamos que outras/os professoras/es estavam passando pelo mesmo que nós e que os momentos de discussão em seus locais de trabalho eram principalmente sobre as/os alunas/os e não se voltavam às/aos professoras/es. Após alguns encontros de planejamento, criamos o cartaz de divulgação do curso (ver Figura 2) e as vagas foram preenchidas rapidamente, em menos de 48 horas, o que, em nossa percepção, é um indício do quanto essa sensação de falta de escuta é comungada por profissionais da área de educação.

Figura 2 - Cartaz de divulgação do curso

**CURSO DE EXTENSÃO OFERECIDO
PELO (NAP) NÚCLEO DE ACESSORIA
PEDAGÓGICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ**

**NARRATIVAS DE EDUCADORAS/ES NO
ENSINO REMOTO:
CRIANDO ESPAÇOS PARA A
ESCUTA SENSÍVEL**

Ministrantes:
Ana Paula Marques Beato-Canato (UFPR)
Denise Mohr (SEED-PR)
Hellen Gonçalves (IFPR)
Katia Bruginski Mulik (SEED-PR)
Millene Barros Guimarães de Sousa (IBC/RJ)

28/4 - 02/06 QUARTAS-FEIRAS 16:30
CERTIFICAÇÃO: 24 HORAS
INSCRIÇÕES ATÉ 28/04

INSCREVA-SE

Informações:
nap@ufpr.br
nap.ufpr@gmail.com

Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2021).

Ao elaborarmos a proposta do curso, prevíamos que cada uma de nós produziria uma narrativa motivadora e faria a condução de um dos encontros, os quais funcionaram da seguinte maneira: as participantes realizavam uma leitura prévia de artigos ou capítulos de livros selecionados que tinham relação com a temática do encontro, como parte da carga horária remota; nos encontros síncronos, uma de nós fazia a leitura de sua própria narrativa, publicada nesta obra, e apresentava uma proposta de partilha de vivências, fomentada pela leitura prévia e pela narrativa compartilhada. Na sequência, a dinâmica do encontro acontecia da seguinte maneira: para ampliar a viabilidade de escuta e fala, as/os participantes eram sempre reunidas/os em pequenos grupos que incluíam uma ou duas de nós. Nesses momentos, era possível relatar vivências, angústias e dificuldades relacionadas à temática proposta para aquele dia. Nos últimos 20 ou 30 minutos do encontro, voltávamos para o grande grupo, momento em que um/a relator/a resumia ou destacava algum ponto que havia sido discutido e compartilhado. Terminávamos os encontros sempre com um gostinho de “quero mais”.

Essa dinâmica era informada por um olhar freireano, que rechaça a educação bancária (FREIRE, 1974; 1987), ou seja, aquela na qual o educador tem o controle e entende que educar é transmitir conhecimentos. Ao contrário, concordamos com Freire que aprendemos em e com diálogo e que a educação deve ser crítica, problematizadora e, ao mesmo tempo, acolhedora e amorosa. Enquanto propositoras do curso, sabíamos que tínhamos o papel diretivo, pois definimos *a priori*, até mesmo por uma exigência institucional, como seria cada encontro, seus objetivos, as leituras teóricas que informariam e alimentariam as discussões e, inclusive, a forma como a avaliação seria realizada. Contudo, buscamos dirigir o curso em uma perspectiva dialógica e esperançosa, assim como sempre nos propôs Freire (1987; [1992] 2021), pensando que tínhamos o que ensinar, mas estávamos abertas e até mesmo ávidas para aprender a respeito de outras realidades e de como as pessoas estavam lidando com as situações difíceis.

Evitamos estabelecer classificações de saberes, nos esforçando para criar uma atmosfera horizontal, na qual todas as pessoas poderiam colocar-se e contribuir para o diálogo e o andamento das discussões. Frustrações, medos, desesperanças fizeram parte das trocas e eram com frequência compartilhados por diversas pessoas do grupo, mas insistentemente buscávamos pensar em como poderíamos encontrar brechas para esperar, no sentido de arregaçar as mangas e buscar inéditos viáveis (FREIRE, [1992] 2021), ou seja, novos caminhos com menos sofrimento e mais valorização da vida, como nos convidou Freire ao longo de toda a sua trajetória. Nesse processo, analisamos que não trilhamos trajetos ingênuos ou piegas ao tratarmos de nossas subjetividades, pois as dificuldades e percalços eram sempre trazidos à tona para que pudéssemos olhar criticamente, acolher e construir sentidos a partir de diferentes vivências, bem como da leitura realizada previamente.

Nas seis semanas de curso, conforme sistematiza o Quadro 1, discutimos as seguintes temáticas, relacionadas ao ensino remoto: as pressões das políticas educacionais; o esvaziamento das relações de ensino-aprendizagem; a solidão do trabalho docente; as experiências e emoções docentes e discentes. Definimos um tema para cada semana, mesmo sabendo que os aspectos escolhidos se misturavam o tempo todo em nosso cotidiano. E nas nossas conversas das quartas à tarde, claro!

Quadro 1 - Cronograma do curso e leituras sugeridas

DATA	TEMAS/ LEITURAS
28/04	Apresentação da proposta e organização do curso; dinâmica de apresentação dos participantes; dinâmica de construção de nuvem de palavras relacionadas às emoções e representações sobre ensinar na pandemia.
05/05	Tema do encontro: As pressões das políticas educacionais no trabalho remoto. Leitura proposta: CARVALHO, Maria Cristina Moraes de. Sobre a pedagogia do fracasso e do erro: metamorfoses. In: SOUZA NETO, Alaim; BIEGING, Patricia (Org.). <i>O que é ser professor?</i> São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 143-151.

12/05	Tema do encontro: A solidão do trabalho docente no ensino remoto. Leitura proposta: LIMA, Joedla Rodrigues de. Desafios de um mundo pandêmico. In: SOUSA, Cidoval Morais de (Coord.). <i>Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperar</i> . Campina Grande: EDUEPB, 2021. p. 70-76.
19/05	Tema do encontro: O esvaziamento das relações de ensino-aprendizagem no ensino remoto. Leitura proposta: hooks, bell. <i>Pedagogia engajada</i> . In: _____. <i>Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade</i> . Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, [2013] 2017. p. 25-36.
26/04	Tema do encontro: As emoções discentes e docentes no ensino remoto. Leitura proposta: JORDÃO, Clarissa Menezes. O lugar da emoção na criticidade do letramento. In: FERRAZ, Daniel de Mello; KAWACHI-FURLAN, Claudia Jotto (Org.). <i>Bate-papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade</i> . São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 59-66.
02/06	Atividade final: partilha das narrativas das/dos participantes para o grande grupo; construção de nuvem de palavras a partir das emoções ao longo dos encontros; avaliação/feedback do curso.

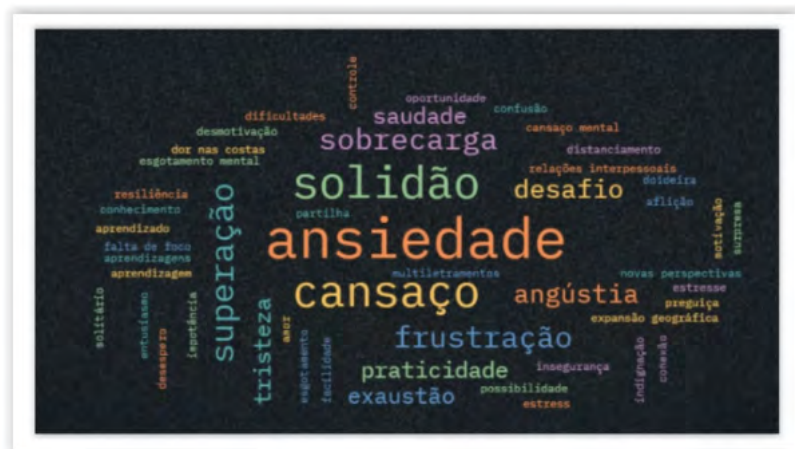
Fonte: As autoras (2021).

O primeiro encontro foi para nos conhecermos e contarmos um pouco de nós, para falarmos do que nos inquietava e do que buscávamos ali; optamos também por dedicar um tempo maior desse dia para que as/os participantes pudessem se apresentar brevemente, falando de seus contextos/realidades e do que esperavam daquele espaço criado pelo curso. Pensamos ser importante dedicar esse primeiro dia a uma fala inicial de cada participante, para que pudéssemos criar um vínculo maior entre o grupo, de maneira que todas/os se sentissem mais à vontade ao longo dos encontros. Nos preocupávamos com a criação de um ambiente de escuta e fala sensíveis em que as/os participantes enxergassem o espaço de partilha de saberes com horizontalidade: todas as falas importavam e criavam os sentidos naquele espaço coletivo.

Nesse dia também fizemos um mapeamento das emoções e representações sobre o ensinar na pandemia através da realização de uma atividade de construção de uma nuvem de palavras, reproduzida

na Figura 3. Cada participante deveria indicar pelo menos três emoções que estivessem mais evidentes naquele momento. As palavras que estão em tamanhos maiores foram as que tiveram maior recorrência.

Figura 3 - Nuvem de palavras do primeiro dia de encontro



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2021).

Do segundo ao quinto encontro, seguimos uma mesma organização: apresentação de uma narrativa; discussões em pequenos grupos; partilha com o grande grupo. No último encontro, as/os participantes apresentaram suas narrativas individuais, construídas a partir das nossas conversas. Destacamos ainda que, embora tivéssemos uma proposta bastante clara e uma organização estabelecida para os encontros, estávamos sempre abertas para que eles pudessem tomar diferentes rumos. Em alguns momentos nos sentíamos incomodadas inclusive com a nomenclatura “curso”, pois, geralmente, quando alguém ministra um curso, a figura do/a professor/a responsável é bastante centralizadora, como se aquele sujeito fosse o detentor do saber a ser ensinado. No entanto, nosso “curso” não tinha esse propósito e tampouco essa visão hierárquica de ensino-aprendizagem.

Esse foi um período muito intenso e impactante para todas. Criamos laços entre nós cinco, conhecemos pessoas incríveis, reencontramos colegas, nos envolvemos com tantas e tão diferentes narrativas! Quando nos demos conta, o curso tinha acabado e o gostinho de querer mais nos fez propor a construção deste *e-book*. Podemos dizer que nossa união nesse processo de leitura e revisão de nossas próprias narrativas e das/os participantes, a organização do *e-book*, a elaboração de uma apresentação para um evento, que se transformou neste texto, são processos também marcantes e importantes para nós, porque nos fazem lembrar o curso, nossas experiências e interpretar nossas ações, resultados, reverberações e transformações pessoais e coletivas. Inspiradas em bell hooks, em Paulo Freire e tantas outras pessoas, pesquisadoras ou não, ponderamos que esse processo se faz em um movimento que dilui as barreiras entre nossas vivências não acadêmicas e não profissionais e nossas teorizações ou práticas pedagógicas, entendendo que a teoria nasce e cresce a partir de nossas experiências, sendo práxis transformadora, que enriquece nossos contextos e nos fortalece para sermos sujeitas de nossas próprias vozes.

Conjuntamente, avaliamos que o curso se estabeleceu como uma sala virtual de professoras/es, na qual havia acolhimento e partilha de angústias, dificuldades, dores, aprendizagens e conquistas. Não era uma sala de lamento, mas uma sala de partilha motivada pela narrativa que ouvíamos, bem como pela leitura teórica que fazíamos previamente. Após conhecer as narrativas de várias de nós, fazer leituras sobre diferentes temas, dividir experiências e ansiedades, enfim, criar inteligibilidades em cada encontro, as/os participantes, como trabalho final, elaboraram suas próprias narrativas, que foram apresentadas ao grupo todo no último encontro. Várias delas se transformaram em textos que compõem esta obra.

Fazendo uma retrospectiva do que nos motivou a organizar e ofertar o curso, em contraste com o que construímos, cremos ter ido além do objetivo planejado. Formamos um local para o café com

afeto, com um grupo disposto a partilhar narrativas; debater sobre dilemas e desafios que têm se dado nas relações de ensino-aprendizagem no ensino remoto e instalar uma atmosfera de escuta sensível, com o estabelecimento do diálogo entre as pessoas envolvidas a partir das temáticas trabalhadas.

A sensibilidade e o engajamento de cada participante foram tão motivadores, que optamos por reunir nossas experiências neste *e-book*, que conta com 13 narrativas, uma de cada uma de nós 5 e outras 8 de docentes que aceitaram o convite para compartilhar seus textos com você, leitor/a, para que possa vivenciar um pouco de nosso curso de escutatória. Embora escutar possa ser complicado e sutil, como alerta Rubem Alves, podemos afirmar que se institui como uma experiência sensível, enriquecedora e empoderadora, pois nos faz sentir parte de um coletivo, com anseios, receios, tristezas e delícias de ser professor/a. Esse é o balanço que fazemos na próxima parte, antes de expor algumas outras experiências que têm sido criadas.

CAFÉ COM AFETO, ESCUTA SENSÍVEL, EMPODERAMENTO E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS

Como mencionamos anteriormente, o curso de extensão *Narrativas de educadoras/es no ensino remoto: criando espaços para a escuta sensível* começou de forma despreziosa. Nem ao menos tínhamos título, proposta, planejamento ou qualquer outra aspiração acadêmica. No entanto, tínhamos um elo de vontade de idealizar algo juntas, que pudesse reunir educadoras/es e futuras/os educadoras/es de diversas áreas do conhecimento. A ideia era que estivéssemos motivadas/os a estar em conjunto e em comunhão para narrar e escutar, em um clima caloroso e sensível, partindo do contexto pandêmico

que nos atravessa e nos afeta. Nosso propósito foi também promover espaço para que as emoções pudessem ser discutidas, rompendo com a lógica binária de separação de “mente e corpo, razão e emoção, pensamento e coração”, como defende Jordão (2019, p. 71). A respeito disso, vale a pena citarmos Macedo (2015, p. 21, grifos do autor) quando afirma que nossas “vivências acontecem no corpo e que tudo que passa pelo corpo pode ou não ser simbolizado, ou seja, implica em produção de sentidos e do sem-sentido, *a experiência é possível* porque o corpo existe; a experiência nasce, cresce e morre com o corpo”. Acreditamos que, de alguma maneira, conseguimos promover essa reflexão, como bem sinalizou uma das participantes do curso em um dos seus registros no *chat* do último encontro:

[...] MUITO obrigada a todas por terem se aberto e compartilhado com a gente suas vivências... Obrigada às organizadoras pelo curso MARAVILHOSO. Acho extremamente importante ações como essa, para sairmos um pouco dos padrões e dos muros impostos entre nossos corpos/emoções e nosso trabalho ou pesquisa... Abraços pra todos! (CAMILA HAUS - participante do curso)³

Ao longo de todo o processo, confirmamos o que bell hooks (2013) nos ensina: a teoria pode ser um lugar de cura para nossas feridas quando há convergência entre teoria e prática e quando entendemos que teoria é prática social, conforme lemos no seguinte excerto:

[q]uando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas — um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. (hooks, 2013, p. 85-86)

Ainda na mesma obra, bell hooks menciona o quanto Freire a inspira e a fortalece ao dar exemplos práticos de esforços para dimi-

³ Registramos aqui nosso agradecimento a Camila Haus por ter autorizado a publicação de seu comentário neste capítulo.

nuir as distâncias entre teoria e prática, em um processo incessante de ação-reflexão-ação. A autora também declara que aprendeu com Freire a ter linguagem política e perceber melhor como a amorosidade pode caminhar lado a lado com a rigorosidade. A esse respeito, *bell hooks* (2013) aprofunda a discussão, enfatizando que razão e emoção são indissociáveis, assim como corpo e mente. Outro ponto de convergência entre as perspectivas freireanas e hooksianas é a compreensão de sala de aula como uma esfera dialógica, na qual o/a educador/a não assume o papel de narrador/a, mas de orientador/a de um diálogo construtivo e problematizador.

Inspiradas por ela e por ele bem como por diversas/os outras/os autoras/es, nos esforçamos para engendrar e gerar um grupo de trocas e práxis, sem julgamentos, mas, sim, repleto de solidariedade, conforto e reconhecimento do outro. Acreditávamos que todas/os as/os educadoras/es estavam/estão carentes de acolhimento, por estarmos imersas em tantas *lives* acadêmicas (ou não), em que a interlocução é geralmente mediada por um *chat*, no qual muitas vozes se perdem na ânsia de compreender o momento inédito e propor aulas dinâmicas. Visávamos a valorização de professoras/es e seu empoderamento, pelo acolhimento e construção de um senso de coletividade. Entendemos que esse objetivo foi plenamente alcançado e apontamos que as narrativas que constituem este *e-book* sinalizam para essa mesma direção.

Aspirávamos também a desenvolver nossa consciência sobre o momento que vivenciávamos, mais especificamente ampliar nossa percepção sobre como os sentidos a respeito da pandemia e do papel da educação estavam sendo construídos socialmente a partir de valores específicos nunca neutros, universais ou imutáveis. Partimos do princípio de que esse processo de conscientização contribuiria para a compreensão de quem somos, de nossas relações com o outro e com o mundo e ainda dos limites de nossa responsabilidade ética. Afinal, a educação sozinha não muda o mundo, embora contribua para

mudar as pessoas, como nos ensina Freire. Para isso, a proposta de produção de narrativas pessoais foi entendida como uma ferramenta potente, pois exigiria um exercício de aproximação e distanciamento de si e do outro, de modo implicado e informado, propiciando um olhar atento a micromovimentos e seus potenciais transgressores que possibilitam imaginar o impossível, como argumentam Moita Lopes e Fabrício (2019) ao discutirem a Linguística Aplicada.

Ponderamos que essa intenção também foi alcançada enquanto os encontros de quarta-feira à tarde iam se delineando pelo entrelaçamento entre leituras teóricas, diálogos individuais com narrativas sendo contadas, diálogos sendo desenrolados nos pequenos grupos e compartilhados nos grandes grupos. Vimos autoetnografias (ONO, 2019) sendo tracejadas, muitas emoções sendo compartilhadas e o grupo se fortalecendo. Esse olhar para nós e para as outras se estabelece como autoetnografias, em que avaliamos nossas ações, tomamos consciência de nossas atitudes e ideologias, ou seja, de nossos valores sociais/axiológicos como parte da cultura mais ampla em que estamos inseridas (GIROUX, [1987] 2021, p. 73).

Compreendemos que o processo de olhar para si e para a/o outra/o e desenhar nossas narrativas nesse contexto contribui para nossa constituição enquanto intelectuais transformadoras, que têm consciência da natureza social das ideologias que defendem. Nosso alinhamento teórico-metodológico oferece a base teórica e política para que nos engajemos em um diálogo crítico conosco e com as/os participantes a fim de interpretar nossas experiências e lutar por condições de que necessitamos para refletir, ler, partilhar nossas expectativas e realizações, produzir materiais e currículos, conforme propõe Giroux ([1987] 2021). Valorizar a experiência entendendo-a como um exercício crítico-reflexivo é o convite que nos faz Muncey (2010):

As experiências acontecem em um tempo e um lugar, elas têm antecedentes e consequências, estão sujeitas à memória, en-

volvem outras pessoas e há certos aspectos que podemos optar por ignorar ou que estão enterrados no inconsciente. Nenhuma escrita ocorre no vácuo e, ao escrever texto, estou refletindo sobre certos estágios da minha experiência de escrita, ao mesmo tempo que sofro alterações no meu pensamento enquanto escrevo. (MUNCEY, 2010, p. XVI)⁴

Consideramos fundamental idealizar oportunidades de escuta sensível, compartilhamento e construção, especialmente em um contexto em que nossas condições de trabalho estão repletas de coerções organizacionais que não nos dão abertura para o trabalho coletivo, o diálogo, atividades críticas e estudo. A carga horária é alta, o número de estudantes por turma é elevado, o salário é baixo, as questões burocráticas tomam cada vez mais nosso tempo; há muita vigilância e controle, com poucas brechas para que o/a professor/a tome decisões com relação à materiais, organização e até mesmo avaliação em muitos contextos. Há muitas leis, regras, normas, hierarquias, papéis a serem preenchidos, prazos a serem cumpridos. Professoras e professores têm sido cada vez mais tratadas/as como incapazes ou excluídas/os das tomadas de decisões. Todo esse ambiente entra em conflito com o que se diz que é esperado do/a professor/a: que gere uma educação crítico-reflexiva, na qual as experiências e conhecimentos de cada estudante sejam valorizados e os preconceitos sejam combatidos.

Confirmamos na prática que o processo de compartilhar narrativas pessoais coletivamente possibilita ampliar e aprofundar nossas reflexões, nos impulsionando a buscar transformações. Ratificamos também o quanto a extensão pode ser um setor privilegiado de ruptura de uma visão que nos divide e nos classifica entre: a) teóricas, que estão nas universidades produzindo conhecimento; b) professoras/

⁴ Tradução livre de: “*experiences happen in a time and place, they have antecedents and consequences, they are subject to memory, they involve other people and there are certain aspects we may choose to ignore or which are buried in the unconscious. No writing occurs in a vacuum and in writing text I am reflecting back on certain stages of my writing experience, at the same time as undergoing changes to my thinking as I write*”.

es, que reproduzem nas escolas básicas os conhecimentos aprendidos nas universidades e c) estudantes, que recebem passivamente tais conhecimentos. Isso porque estávamos ali, professoras de educação básica e universitária, conjuntamente, partilhando narrativas e nos fortalecendo para analisar nossa prática e nossas emoções e nos (auto)transformar, ou seja, estávamos olhando para nossas práxis e, responsabilmente, nos expondo à experiência de um trabalho em comunhão (FREIRE; SHOR, 1986). Sem perder a rigorosidade nem criar uma atmosfera de lamúrias ou autoajuda superficial, afirmamos que ao longo do curso criamos um ambiente de partilha mais livre, leve, afetivo e esperançoso.

Isso não significa que não houve divergência ou dificuldade. Ao contrário, em alguns momentos, nos comunicamos em nosso grupo de mensagens virtuais para tomarmos decisões e tentarmos mudar os rumos das conversas, quando estavam desconfortáveis, desagradáveis ou até mesmo hostis para algumas pessoas, por exemplo, ou estávamos tendo turnos de fala longos demais, coibindo a participação de outras pessoas. Esses são apenas dois exemplos de tensões vivenciadas, momentos em que tentamos “encontrar meios de usá-lo[s] como catalisador[es] para uma nova maneira de pensar, para o crescimento” (hooks, 2013, p. 154). Essas ocasiões atestam o quanto cada história, cada posicionamento é complexo e singular, marcado por diferenças que nos constituem e que frequentemente fazem com que certas vozes sejam ouvidas e outras silenciadas, o que tentamos insistentemente rechaçar ao longo de todo o curso.

Assim como fizemos no primeiro dia de encontro, as/os participantes foram convidadas/os a descrever as emoções que tiveram ao longo dessa jornada conosco, a qual foi transformada em uma nuvem de palavras (Figura 4).

Figura 4 - Nuvem de palavras do último encontro



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2021).

Percebemos que o sentimento de *angústia* evidenciado na nuvem de palavras anterior, construída no início do curso, foi substituído pela noção de acolhimento. Isso nos deixa imensamente felizes e satisfeitas com os frutos desse trabalho tão rico e emocionante no qual estivemos envolvidas. Cada ação foi pensada com muito carinho e zelo para proporcionar um espaço de alento para nós e para as/os participantes diante desse cenário tão triste e doloroso que a pandemia nos tem colocado.

Antes de finalizar nosso capítulo, aproveitamos a oportunidade para compartilhar nossa alegria em saber que a experiência motivou algumas pessoas a planejar ações similares, mas, dessa vez, com discentes. Foram marcados encontros virtuais para que estudantes pudessem compartilhar narrativas, vivências, dificuldades e angústias e os resultados têm

sido animadores. Entendemos que a falta de oportunidade de trocas não é exclusiva da situação que estamos vivenciando, dentro dessa crise sanitária, econômica, política, humanitária. A falta de ambientes sensíveis como esse tem sido frequente entre nós e sua construção é cada vez mais urgente, em uma sociedade estruturada em uma lógica neoliberal individualista e competitiva, na qual cada um acaba sendo visto como responsável por seus próprios sucessos ou fracassos. Nessa perspectiva, falta lugar para refletir e compartilhar angústias, dificuldades, dores e até mesmo conquistas e sucessos, seja em ambiente escolar ou fora dele.

Esperamos que esta obra contribua para um movimento de quebra da cultura do silêncio, que é opressora em sua natureza, e de busca por possíveis não vividos, como propõe Freire ([1992] 2021). Engendramos a criação de outros espaços de narrativas sensíveis como esse, como contribuição para o exercício de diálogo, acolhimento, criticidade e práxis.

Acessando o *QR code*, vocês têm acesso a um *padlet*, que foi elaborado por nós para uma apresentação a respeito do curso que fizemos no VI SEFELI (Seminário de Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa), em outubro de 2021, na Universidade Federal de Sergipe⁵. Convidamos você a visitar nosso *padlet* e deixar comentários por lá. Será ótimo darmos sequência a essa troca de ideias.

Figura 5 - *Padlet* do curso



Padlet produzido pelas autoras para apresentação no SEFELI (2021).

⁵ A programação deste evento pode ser consultada através do *link* <https://doity.com.br/sefeli-1>.

Também convidamos você a praticar sua própria escuta sensível e quiçá criar uma ação similar em seu local de atuação. Esperamos que nosso trabalho seja uma semente de esperança na abertura de novas janelas, portas, portais, para que outras vozes sejam ouvidas e possam ecoar acolhimento entre nós, educadoras/es, e a sociedade em geral. Encerramos nossa narrativa com um poema escrito pela professora Millene Barros Guimarães de Sousa - e compartilhado no último dia do curso -, que representa o nosso trabalho ao longo dessa incrível jornada:

Havia o desejo de plantar. Faltavam braços, pernas e corpos. Em algum momento, sem planejar, uma trouxe a água, outra a terra, outra o ar e por fim o calor. O que chegou a mim como semente segue em frente para a próxima, como fruto. Entre o tempo da semente plantada e o fruto colhido tem o acolhimento, o afeto, o afago. A natureza é sábia, nos ensina a esperar, de tempos em tempos, com novas sementes, há o desejo de plantar.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1992] 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1987] 2021.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GIROUX, Henry A. Introdução: alfabetização e pedagogia do *empowerment* político. *In*: FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1987] 2021 [versão eletrônica, s.p.].
- GUARESCHI, Pedrinho. Empoderamento. *In*: STRECK, Danilo Romeu; RE-DIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 147.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. S. **Pesquisar a experiência:** compreender/mediar saberes experienciais. Curitiba: CRV, 2015.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade. Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. *In:* MACIEL, Ruberval Franco; ARAUJO, Vanessa de Assis (Org.). **Formação de professores de línguas:** ampliando perspectivas. São Paulo: Paco Editorial, 2011. p. 128-140.

MUNCEY, Tessa. **Creating autoethnographies.** Los Angeles, CA: Sage, 2010.

ONO, Fabrício Tetsuya Parreira. Um olhar sob si: outras possibilidades de pesquisas na área de formação de professores, formação de formadores e ensino de línguas. *In:* FERRAZ, Daniel de Mello; KAWACHI-FURLAN, Claudia Jotto. (Org.). **Bate-papo com educadores linguísticos:** letramentos, formação docente e criticidade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 95-110.

2

Ana Paula Marques Beato-Canato

MINHA TRAJETÓRIA RIZOMÁTICA NAS JANELAS DA PANDEMIA: ansiedades, tristezas, aprendizagens, acolhimentos e esperanças

Início minha narrativa⁶ dizendo que o convite para a escrever surge como uma possibilidade de “abertura de janelas para quadros já existentes que permaneciam encobertos para [...] [minha] percepção. Janelas, quem sabe, para novas descobertas” (MONTE MÓR, 2018, p. 302). Katia Bruginski Mulik, parceira na construção do curso e organização deste *e-book*, fez uso dessa metáfora em sua narrativa, lida em um de nossos encontros. Fez tanto sentido que optei por emprestá-la em busca de expansão de meu olhar e de minha perspectiva para minhas próprias experiências.

Penso nesta narrativa como uma oportunidade de reconstrução de sentidos para o que tenho vivido profissionalmente ao longo dessa pandemia sem fim, para a qual tenho atribuído, com muita frequência, sentimentos bastante negativos e outros bastante valorosos: a tristeza em ver tantas mortes, muitas das quais certamente poderiam ter sido evitadas não fosse o descaso de nosso governo; as angústias pela incerteza de quem será a próxima vítima, de que tratamentos serão eficientes, de quando seremos vacinadas⁷, de como entender o isolamento físico e também sua recusa por algumas pessoas, mesmo sabendo que ele é a forma mais segura de se proteger e proteger a sociedade, nessa contradição imposta pelo vírus, como nos faz refletir Boaventura de Sousa Santos (2020).

Por outro lado, reconheço meu privilégio de permanecer trabalhando remotamente, poder acompanhar meu filho e minha filha em aulas remotas, ter podido ficar seis meses com os familiares em nossa cidade natal e ainda aproveitar tantas oportunidades de estudo, reflexão, reaproximação e novas parcerias-amizades, como a que surgiu

⁶ Embora eu faça parte da equipe idealizadora e promotora do curso, este texto foi produzido após o término dos encontros, para compor este *e-book*. Isso aconteceu porque optamos por dar espaço para as narrativas de professoras da educação básica ao longo do curso.

⁷ No momento de revisão do texto, eu já havia tomado as três doses da vacina, assim como a maioria das pessoas envolvidas neste *e-book*, o que é mais um motivo de alegria e esperança por dias melhores. Contudo, os números de óbitos e de pessoas contaminadas diariamente continuam sendo desoladores – o Brasil atingiu 627 mil mortes em 30 de janeiro de 2022.

na construção do curso que agora serve de fomento para a produção dessa escrita e desta obra. Ao olhar novamente para os mesmos eventos, tendo tomado distância deles, eu os vejo com lentes ampliadas e isso me permite construir novos sentidos. Vamos às janelas, então.

JANELA 1: 13 DE MARÇO E AS PRIMEIRAS ANGÚSTIAS

Rememorando 13 de março de 2020 e os dias que seguiram, lembro que passei aquela sexta-feira toda na universidade, com muitas atividades, que hoje se encham de diferentes emoções: reunião pela manhã; almoço com uma professora amiga muito querida que mora distante de Curitiba; primeira aula do semestre na pós-graduação, em parceria com minha colega e amiga Clarissa Jordão, disciplina na qual discutiríamos obras de Bakhtin. A sensação era de entusiasmo. Afinal, tínhamos na turma muita gente nova, iniciando seus estudos de mestrado e doutorado. Saindo dali, fomos lanchar em uma cafeteria e foi lá que ouvimos os primeiros rumores de que a universidade poderia ser fechada; mas saímos confiantes e nos despedimos com um “até breve!”. Ainda bem segura de que não passavam de rumores, recepcionei as/os calouras/os nas duas disciplinas que ministraria, sendo uma delas - Introdução à Linguística Aplicada - considerada a porta de entrada para o novo currículo, que iniciamos com ótimas expectativas. Quase 22h30, nos despedimos, com um planejamento para a aula seguinte e um aviso de que, caso algo mudasse, eu entraria em contato.

No sábado, meu marido, meu filho e minha filha viajaram para nossa cidade natal e eu fiquei em Curitiba, pois na segunda teria aula e participaria de uma banca de doutoramento. O fim de semana se encheu de ansiedades a cada nova notícia, em meio a tantas incertezas e medos. No domingo à noite, o anúncio tão aguardado: a universidade fecharia por 15 dias. Assim, iniciou minha quarentena: eu sozinha, dis-

tante de toda a minha família, que, preocupada, se manteve em nossa cidade, acreditando que logo nossa rotina seria retomada.

JANELA 2: O TRABALHO NÃO PARA E UM E-BOOK É GESTADO

E o trabalho? Bem, ele não parou. Já na segunda-feira, dia 16, participei da primeira banca de defesa de doutorado inteiramente *on-line* da UFPR. Foram horas ali discutindo um trabalho, sempre confiante de que em breve estaríamos de volta à universidade presencialmente. Além de bancas, outros eixos de nosso trabalho também não pararam: orientações; leituras; escritas; reuniões e mais reuniões, com discussões do que seria possível fazer; e um convite especial: vamos escrever uma obra de divulgação científica a doze mãos sobre linguística aplicada e concepções de língua, linguagem e educação linguística. Convite aceito, iniciamos a produção, que rendeu muitas e muitas tardes de encontros *on-line*, escrevendo e revisando cada parágrafo; momentos regados de diálogo, seriedade, problematizações, pesquisas e, acima de tudo, muito respeito e companheirismo. O resultado? O *e-book* gratuito *Linguagem na vida* (MATTOS BRAHIM; FERNANDES; BEATO-CANATO; JORDÃO; FIGUEIREDO; MARTINEZ, 2021), que pode ser encontrado no *site* da Editora Pontes.

JANELA 3: O INÍCIO DE UMA QUARENTENA MALUQUINHA E CHEIA DE AMOR

Mas você pode estar se perguntando: e sua família? Esse trabalho deve ter durado alguns meses e você ficou sozinha, esperando a pandemia acabar?

Bem, após quinze dias totalmente isolada, resolvemos que o melhor seria eu ir também para Pompeia/SP, para ficarmos junto com nossa família, considerando ainda que a cidade é menor e deveríamos ter menos riscos. Lá fui eu, e o que era para durar quinze dias se alongou por seis meses, alguns dos mais intensos de nossas vidas. Acolhidas/os na casa dos Beato-Corradi (minha irmã Anne, meu cunhado Marco, minha sobrinha Marina e a cachorrinha Paçoca) - por quem temos uma gratidão imensa - vivemos acampadas/os, cheias/os de afetos, ansiedades, momentos memoráveis, regados de muita preocupação, mas também de muito amor e alegria, no que as crianças nomearam carinhosamente de nossa “quarentena maluquinha”. A Figura 1 ilustra provavelmente o momento mais icônico desse período em família. A casa tinha sido pintada havia poucos meses. Minha filha, Helena, e minha sobrinha, Marina, estavam brincando com tintas no quintal, quando resolveram pintar a parede com suas mãozinhas. Ao se depararem com aquela cena, os pais ficaram perplexos. Já eu e meu marido rimos da situação. Então, todas/os entramos na brincadeira e pintamos nossa parede da quarentena, transformando aquela travessura em um belo registro de uma época memorável, vivida por nós ao longo de seis meses.

Figura 1 - Registro de uma “quarentena maluquinha”



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2020).

JANELA 4: RETOMADA DAS AULAS

E as aulas? Bem, as aulas foram sendo retomadas aos poucos, em meio a tantas discussões e resistências. Afinal, muitas/os discentes do curso de Letras não teriam e ainda não têm condições para acompanhar nossas aulas. São questões de saúde, financeiras, tecnológicas e até mesmo de espaço para estudar. Contudo, a universidade foi percebendo que seria inviável esperar a pandemia acabar, até porque não tínhamos políticas públicas sérias que nos dessem uma luz no fim do túnel.

Assumi novamente a disciplina de Introdução à Linguística Aplicada, no denominado ERE (Ensino Remoto Emergencial) e, por isso, não obrigatório. A disciplina foi ofertada em parceria com um colega, Alison Gonçalves. Planejamos as aulas incluindo horas síncronas e assíncronas, com expectativa e ansiedade. Em um olhar freireano, pensamos no direcionamento do curso, mas com flexibilidade para mudar seu rumo, caso isso fosse necessário. Visávamos mais do que tudo acolher as/os discentes e formar um espaço de diálogo e reflexão teórico-prática, atrelando as vivências pessoais e profissionais do grupo aos textos selecionados. Esse espaço constituiu-se para nós como um lugar de escuta sensível e de desenvolvimento. Eram muitas e muitas conversas, trocas, reflexões e a escrita de um relato de experiência, no qual realizamos um exercício de *proximidade crítica* de nossas práticas em dois momentos distintos e acenamos para inéditos viáveis (GONÇALVES; BEATO-CANATO, 2021).

JANELA 5: AS AULAS NA PÓS-GRADUAÇÃO, APROXIMAÇÃO DE SABERES E A RETOMADA DE PARCERIAS ANTIGAS

No âmbito da pós-graduação, optei por ofertar disciplinas sobre políticas linguísticas e sobre a Linguística Aplicada e Paulo Freire, entendendo que é preciso continuar, mesmo em meio a tantos desman-

dos, tantas mortes, tantas incertezas e tristezas. Contudo, a pandemia não é e não traz só isso. A vida pulsa e devemos aproveitar as oportunidades. Eis que então surgem as possibilidades de estreitamento de diálogos e, assim, fizemos convites e recebemos em nossas aulas a liderança indígena Gersem Baniwa, a professora doutora em educação Mônica Ribeiro e o linguista aplicado Luiz Paulo da Moita Lopes.

Além disso, outra brecha foi poder ofertar uma disciplina em parceria com professoras amigas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, local onde trabalhei por sete anos. Que alegria poder aproveitar tempos tão tenebrosos para retomar atividades com Paula Tatianne Carrera Szundy e Mergenfel A. Vaz Ferreira e ainda reencontrar ex-alunas de graduação de meus tempos de UFRJ!

Outras oportunidades surgem, nos lembrando que a vida pulsa e devemos esperar.

JANELA 6: A EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE ECOLOGIA DE SABERES

Desde o início da pandemia, a extensão tem sido muito presente em minha vida e tem se constituído como uma rica oportunidade de conhecer pessoas, saberes e sabores, desde literatura indígena a narrativas de professoras. Foram muitas as vivências, aprendizagens e trocas. Foram muitos os eventos e cursos que organizei e de que participei. Que privilégio poder promover tantos espaços dessa natureza!

Em cada curso, pude conhecer pessoas diferentes, com experiências diversas. Todos eles foram ministrados por mim em conjunto com outras pessoas. Nesses processos, meus conhecimentos se ampliaram enormemente, com destaque para a aproximação com pessoas com narrativas de vida tão diversas, que me possibilitaram

ampliar meu olhar, conhecer tantas outras janelas, aguçar minha sensibilidade e minha vontade e capacidade de esperar.

JANELA 7: RETORNO A PAULO FREIRE E TANTAS E TANTAS REFLEXÕES CHEIAS DE AFETOS E ESPERANÇAS

Novas conversas. Novas ideias. Surge a disciplina na pós-graduação sobre Paulo Freire em diálogo com a Linguística Aplicada. Minhas tardes de sexta-feira passam a ter um tom muito especial, com oportunidade de aprendizagens, de trocar mensagens diárias e construir conhecimentos com minha parceira de disciplina, a professora Adriana Cristina Sambugaro de Mattos Brahim, e conhecer tantas histórias de vidas entrelaçadas com os conceitos freireanos, eventos disponibilizados no canal do YouTube da Pós-Graduação em Letras da UFPR.⁸

Isolamento que segue. Tantas vidas ceifadas e eu, em trabalho colaborativo, continuo buscando sentidos para a vida e para o meu trabalho.

JANELA 8: NARRATIVAS DOCENTES

O curso *Narrativas docentes* já foi apresentado por nós em outro momento neste *e-book*, mas ele merece um pedacinho aqui em minha narrativa também, porque foi ele que me propiciou escrever esta narrativa.

⁸ Aproveito para compartilhar que algumas dessas experiências estão compiladas no *e-book* gratuito: MATTOS BRAHIM, Adriana Cristina Sambugaro; BEATO-CANATO, Ana Paula Marques (Org.). **Pedagogia freireana, educação linguística e linguística aplicada**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

Chegando ao final do curso de extensão *Mobilizando saberes docentes*, Millene Barros Guimarães de Sousa disse: “Poxa, esse espaço está tão bom! Não podemos continuar?”. A esse pedido respondemos: “Claro, vamos lá! Vamos organizar algo conjuntamente. Por favor, escreva algo sobre isso na nossa sala de aula virtual e a gente constrói algo juntas.” Novas ideias. Novos desafios. Novos sentidos para a vida e para a nossa profissão em meio à pandemia sem fim, em um país repleto de negacionismo, reforço de privilégios, aumento das desigualdades, polarização política, governo federal que não considera a gravidade da crise sanitária e com outras atitudes no mínimo bastante questionáveis.

Então, em cinco mulheres, com pouca vivência entre nós, resolvemos abraçar a ideia de planejar um curso muito diferente dos que estão sendo ofertados por aí. Nada de *lives* com telespectadores. Queríamos algo mais humano, um espaço de escuta sensível. O curso foi gerado e, com ele, novas expectativas, novas vivências, novas aprendizagens, novas relações e novos projetos.

Vida que pulsa enquanto há tanto sofrimento, insegurança e incerteza. Sigamos esperando enquanto temos esse privilégio.

JANELA 9: APRENDIZAGENS, RETORNO A MINHAS PRIMEIRAS ESCOLHAS PROFISSIONAIS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

O que tenho aprendido ao longo desse processo? Que nasci para ser professora e estabelecer relações com outras pessoas que zelam a vida, se sensibilizam e arregaçam as mangas para esperar, em sentido freireano (FREIRE, 1992 [2021]). Embora os tempos não estejam fáceis para ninguém, gostaria de destacar o cenário de educadoras/os no Brasil: escassez de condições de trabalho e apoio institucional

e da sociedade; falta de políticas públicas ou políticas que contribuem para a desvalorização profissional; perseguição oficial e oficiosa, com discursos falaciosos sobre a ideologização da educação etc. Essas dificuldades se agravam com a necessidade, instituída pela pandemia, de o/a professor/a se reinventar e escancarar sua casa para as famílias de suas/seus discentes. Apesar de tudo isso, avalio que esse sentipensar profissional dá muito sentido à minha vida, me fortalece, me faz querer fazer mais e mais. Que sorte a minha ser professora!

Não quero com isso trazer um olhar ingênuo em meio a tanto sofrimento, tantos desafios que estamos enfrentando, tanta invisibilidade que nossa sociedade nos aplica. Quero, sim, reconhecer meu privilégio de exercer uma profissão que me possibilita vivenciar momentos tão significativos, plenos de humanidade, quando há tanta desumanidade ao nosso redor. Quero também dizer que é um privilégio encontrar e trabalhar com tantas pessoas sensíveis, cheias de ideias, de zelo pela vida, pela/o semelhante e pela/o diferente. Quero dizer que é um privilégio aprender cada vez mais que a vida vale a pena se vivida com amorosidade, afeto, busca por melhores condições para toda a sociedade.

Enfim, a pandemia me permitiu olhar para minha profissão pelas janelas do Google Meet, Zoom e Teams com um olhar mais cuidadoso e com mais agradecimento. Embora esteja sendo desgastante e até insano trabalhar tanto nessa pandemia, agradeço por estar vendo com mais clareza o que me move: a certeza de que não podemos passar por esse mundo de luvas, como alerta Paulo Freire (1996). Portanto, somos responsáveis por nossos atos e devemos lutar incansavelmente por uma sociedade menos desigual. Fazer isso é um processo pessoal revolucionário.

Noto que, nesses tempos tão difíceis, fui olhando mais para mim e percebendo meus interesses, o que me move, o que me fez escolher ser professora e me alinhar à Linguística Aplicada. Desde

sempre, acreditei em nossa responsabilidade ética na construção do mundo. Nunca aceitei a seguinte ideia repetida por muitas pessoas: “o mundo é assim mesmo, o que vamos fazer?” Sempre acreditei que é possível fazer algo. Ao longo desses quinze meses pandêmicos, me fiz caminhar para resgatar meu projeto de iniciação científica, no qual queria estudar o “eu pessoal no eu profissional”, por acreditar, já na época de graduação, na década de 90, que nossas identidades são múltiplas, se entrelaçam e se atravessam. Hoje, me vejo impelida a resgatar aquele projeto para olhar para minhas próprias narrativas e para diferentes narrativas, em movimentos de ler-me lendo, ouvir, me ouvindo, de forma sensível, implicada, imbricada e rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1987), sempre acreditando nas possibilidades de (des)construção e buscando esperar em sentido freireano, ou seja, arregaçar as mangas e fazer algo, porque esperança não é espera, é ação (FREIRE, [1992] 2013). Termino aqui uma leitura dessa trajetória, cheia de afetos tão diversos que me constituem e me movem, com um excerto de Paulo Freire, que me acompanha desde a graduação e está cada vez mais presente em minha vida.

A esperança é necessidade ontológica; [...] Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída. [...] Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. [...] O essencial, como digo mais adiante no corpo desta Pedagogia da esperança, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretamente histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. (FREIRE, 2013, p. 10-11).

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **A thousand plateaus: capitalism and schizophrenia**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1992] 2013.
- GONÇALVES, Alison Roberto; BEATO-CANATO, Ana Paula Marques. O exercício de “proximidade crítica” na formação de professores de línguas como um aceno aos inéditos viáveis. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 20, n. 2, 2021. <https://doi.org/10.26512/rhla.v20i2.39091>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/39091>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- MATTOS BRAHIM, Adriana Cristina Sambugaro de; FERNANDES, Alessandra Coutinho; BEATO-CANATO, Ana Paula Marques; JORDÃO, Clarissa Menezes; FIGUEIREDO, Eduardo Henrique Diniz de; MARTINEZ, Juliana Zeggio. **A linguagem na vida**. Campinas: Pontes, 2021.
- MONTE MÓR, Walkyria Maria. Expansão de perspectiva e desenvolvimento do olhar: um exercício de Letramento Crítico. *In*: MACIEL, Ruberval Franco; TÍLIO, Rogério; JESUS, Dánie Marcelo de; BARROS, Adriana L. de E. Chaves de (Org.). **Linguística aplicada para além das fronteiras**. Campinas, SP: Pontes, 2018. p. 299-319.
- SOUSA SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

3

Denise Mohr

**ERA UMA VEZ
MARÇO DE 2020**

“[...] como não tratar de emoções? Como imaginar que a criticidade fundamental em nosso convívio seja reduzida ao uso da racionalidade? Como pensar em práticas de linguagem sem que se considere a dimensão afetiva dos seres?”

Clarissa Menezes Jordão

As emoções discentes e docentes no ensino remoto foi o tema do último encontro conduzido por uma das organizadoras do curso – no caso, eu, que em 26 de maio de 2021 dividi o espaço com minha convidada, a professora Bianca de Campos (cuja narrativa vocês encontram mais adiante), também docente da educação básica em escola pública estadual. A leitura sugerida para essa data foi *O lugar da emoção na criticidade do letramento*, de Clarissa Menezes Jordão.

Estudos recentes na perspectiva do letramento/letramento crítico têm questionado a dicotomia razão x emoção e trazido à tona a importância da dimensão emocional no processo de ensino-aprendizagem, tradicionalmente desconsiderada por quem vê a escola como o lugar da racionalidade, onde não cabem os afetos, o coração. Como observa Jordão, “[n]ão estamos acostumados a discutir emoções nas ciências linguísticas, nem mesmo na educação, o que parece surpreendente, uma vez que tanto língua quanto educação são espaços de relações humanas por excelência” (2019, p. 59). Por acreditarmos, como Jordão, na indissociabilidade entre razão e emoção, reservamos um encontro específico para tratar das emoções que nos têm permeado durante a pandemia.

Transpondo para o contexto do nosso curso as perguntas colocadas pela professora Clarissa no trecho que escolhi como epígrafe, como não me identificar com as dúvidas e inquietações que assombraram a rotina de trabalho solitária e exigente da Hellen? com a exaustão

causada pelo silêncio assustador da vizinhança e das aulas síncronas e, ao mesmo tempo, com o sentimento de esperança quando a luz do sol entrava pela janela, como descreve a Katia? com as incertezas, as angústias, os medos, as esperanças, as resiliências de que fala a Millene? Temos alunas/os diferentes, lecionamos disciplinas diferentes, trabalhamos em instituições de ensino diferentes, até em cidades diferentes, mas nos deparamos com o mesmo cenário desolador. Por isso, acredito que os aspectos abordados pelas minhas colegas dizem muito das emoções docentes durante a pandemia e de como elas têm impactado em sua/nossa vida pessoal e profissional.

A propósito, vocês não de notar que serei breve ao me referir às minhas emoções, que a ênfase recai nas das/os discentes. Não por uma escolha pessoal, mas porque, numa das reuniões que precederam o curso, definimos que em um encontro específico – aquele que coube a mim conduzir – voltaríamos nossa atenção para as/os estudantes (o que não significa que elas/eles fossem desconsideradas/os no restante das conversas). Assim, no tema do encontro, colocamos de propósito em primeiro lugar as/os discentes, que, nas aulas pelo Meet, pareciam tão invisibilizadas/os, substituídas/os por um bonequinho, uma paisagem, quando não (o mais frequente) pela inicial do nome.

Retomando março de 2020: quando o ano letivo começou, me apresentei para dar aulas de Português, como eu vinha fazendo desde 2015. Menos de um mês depois, sou chamada por outra escola para assumir aulas de Italiano no Centro de Línguas e de Português como Atividade Complementar. Duas semanas se passam e uma nova mudança: em virtude da pandemia, as escolas são fechadas e eu tenho que lidar com mais um desafio emocionante – o ensino remoto. As Atividades Complementares são suspensas e iniciam as aulas síncronas de Italiano.

Ao que tudo indica, sou a única professora de Italiano de escola pública estadual aqui em Curitiba⁹. Dessa perspectiva, eu estava sozinha, mas, ao mesmo tempo, não estava sozinha, pois a novidade do ensino remoto atingiu as escolas como um todo. Pegas/os de surpresa, fomos forçadas/os a nos adaptar. Mais emoções a caminho. Emoções discentes e docentes.

As turmas com que trabalho são bastante diversificadas: reúnem alunos do próprio colégio, da segunda etapa do fundamental ou do ensino médio, pais de alunos, professores, ex-professores, funcionários, ex-funcionários do colégio (hoje aposentados) e pessoas da comunidade. Isso fez com que a adaptação ao ensino remoto tenha variado muito.

Eu, por exemplo, precisei pedir socorro. E alguns dos aposentados que frequentavam o curso, também. As/os alunas/os mais jovens foram muito prestativas/os e tentaram nos ensinar. Uns foram ajudando os outros e assim fomos caminhando em 2020, ao mesmo tempo que estreitávamos os vínculos da forma possível naquele momento. Infelizmente, o ano terminou sem que conseguíssemos nos reencontrar nas aulas presenciais.

O ano de 2021 começou diretamente na modalidade *on-line*: até hoje só tive contato com as/os alunas/os pelo Meet. A interação com as turmas, como era de esperar, caminhava devagar. Isso me incomodava, então resolvi aproveitar a iniciativa de uma aluna para ampliar o meu contato com as/os alunas/os e o contato entre elas/eles.

Essa aluna deve ter uns 12 anos. Ela algumas vezes pediu licença para ir buscar algum objeto relacionado àquilo que estava sendo trabalhado em aula. Por exemplo: um dia nós estávamos falando da

⁹ Embora eu seja habilitada em Italiano, me candidatei a uma vaga de Português no último concurso aberto pela Secretaria de Educação-PR, em 2013, porque as línguas estrangeiras ofertadas na ocasião se limitavam a Inglês e Espanhol. As professoras com padrão de Italiano no Estado acabam lecionando Português, pois dificilmente conseguem aulas na disciplina de concurso, uma vez que o Celem impõe restrições à abertura de turmas.

pizza margherita, que tem as cores da bandeira da Itália – na receita, o verde é representado pelo manjericão. Aí ela perguntou se podia sair um pouquinho para pegar o vaso de manjericão e nos mostrar. Em outra oportunidade, trouxe a cafeteira italiana, a Moka, e explicou, para aqueles que não a conheciam, como se faz café ali.

A partir disso eu pensei que podia ser interessante conversar com as/os alunas/os sobre quem/o que estava fazendo companhia a elas/eles nos meses de ensino remoto: uma pessoa, um animal de estimação, um objeto, uma ideia... Achei que seria um espaço para falarem um pouco de si mesmas/os, bem à vontade, pois assim poderíamos nos conhecer melhor.

Lancei a pergunta para as turmas e o que apareceu como resposta foi: o apoio da família; a preocupação com os familiares e o convívio mais intenso com eles; a companhia de um animal de estimação, do computador, do celular; o desafio de encarar o novo; a tristeza pelos amigos mortos; a falta de encontrar as pessoas; o conforto que os trabalhos manuais, as aulas e as conversas virtuais proporcionam. Se a pergunta tivesse sido feita a mim, eu provavelmente teria dito algo parecido.

Decidi trazer essas respostas porque me parece que elas deixam transparecer as emoções discentes/os afetos, embora a atividade não tenha sido pensada para o curso.

Tomando por base como vem sendo esse período para mim, não pude deixar de pensar como é que as/os minhas/meus alunas/os têm vivido esses meses todos de isolamento: como eles se sentem – longe das/dos amigas/os, das/dos colegas, das/dos professoras/es, longe do colégio e de tudo que ele representa, para além da sala de aula.

Além disso, em todos os encontros, as/os educadoras/es manifestaram sua preocupação com o bem-estar das/os discentes e mencionaram a importância de deixá-las/os à vontade durante as aulas

para que pudessem expressar seus sentimentos e emoções com relação à pandemia e seus desdobramentos.

Assim, algumas semanas depois da primeira atividade, prestando atenção em como eu me sentia – a maior parte do tempo assustada, pelo cenário de incerteza e descaso, além de exausta, pela sobrecarga de trabalho – e já com o objetivo de motivar as discussões sobre o nosso tema, pedi às/aos alunas/os que respondessem, por e-mail, a uma pergunta muito parecida com a que fizemos às/aos participantes no primeiro encontro:

Que emoções têm acompanhado você nesse período de ensino remoto?

Nos depoimentos, emergiram sentimentos variados, negativos e positivos, que elenco a seguir: medo de sair de casa; superação, por conseguir acompanhar as aulas; necessidade de disciplina e de comprometimento, tanto do professor quanto do aluno, pois em casa há muitas distrações; frustração pelos equipamentos inadequados; dificuldade em aprender nesse tipo de aula; vergonha de abrir o microfone e a câmera; satisfação, por sentir que a mudança na forma de se relacionar aumentou a capacidade de se adaptar a novas situações, por continuar a caminhar e a crescer; gratidão, por ter os meios para estudar, por desfrutar da companhia da família; tranquilidade, por não precisar se deslocar para ir à escola.

Surpreendentemente, as respostas me mostram que, embora coloquem o medo e as dificuldades, elas/eles se sentem apoiadas/os, se sentem gratas/os por poderem acompanhar as aulas pelo Meet, por não precisarem se expor ao risco de contrair a Covid. Além disso, elas/ eles escolheram fazer o curso durante a pandemia, talvez pela oportunidade de conhecer pessoas e de aprender uma outra língua em aulas síncronas, quando – teoricamente – podem conversar entre si e comigo.

Ao encerrar esta narrativa sobre emoções, trago um conceito que conheci quando fui voluntária num projeto destinado a migrantes e refugiados: Português Língua de Acolhimento – PLAc. Pensei nele por causa da situação das/dos minhas/meus alunas/os no período que antecedeu a pandemia e por causa das dificuldades das/dos discentes da escola pública hoje, enfrentando o desafio de estudar em tempos de ensino remoto. Esse conceito – *acolhimento* – me remete a uma preocupação, no ensino, com as pessoas, mais do que com os conteúdos, e por isso acredito que poderia ser estendido para o trabalho com as/os alunas/os brasileiras/os, em todas as disciplinas. Eu o vejo como parte do nosso compromisso docente, em especial neste momento, quando dar espaço aos afetos, às emoções na sala de aula parece mais importante e necessário do que nunca.

REFERÊNCIA

JORDÃO, Clarissa Menezes. O lugar da emoção na criticidade do letramento. *In*: FERRAZ, Daniel de Mello; KAWACHI-FURLAN, Claudia Jotto. (Org.).

Bate-papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 58-66.

4

Hellen Christina Gonçalves

A SOLIDÃO DO TRABALHO DOCENTE DURANTE A PANDEMIA:

uma carta na garrafa,
destinada a Paulo Freire

Tenho um amigo que é professor de inglês, um cara muito gente boa! Ele diz que toda vez que precisa escrever algo, qualquer que seja o texto, dedica a alguém de quem gosta, diz que assim fica mais fácil e se motiva. Ultimamente tenho usado de tal subterfúgio e tem dado certo, por isso dediquei minha narrativa ao Professor Paulo Freire, porque nosso texto de referência tratava de cartas para Paulo Freire, mas, repensando, a dedico as/aos cursistas e aquelas/es que acreditam na Educação! Antecipo que esta carta pode parecer um fluxo de consciência, mas não é! ;)

Tarde chuvosa em Curitiba, em 12 de maio de 2021.

Ao Professor Paulo Freire e aos educadores cursistas,

Escrevo-lhes para contar sobre as minhas aulas e um pouco da minha vida docente na pandemia.

Pois bem, o Instituto Federal do Paraná (IFPR) suspendeu as aulas em 16 de março de 2020. Estou trabalhando de casa, tenho uma estação de trabalho no meio do quarto, meu fundo é o guarda-roupa!

Nos primeiros dias foi tudo muito assustador, já que as notícias eram gravíssimas. Assistindo ao canal espanhol na TV, vi o rink de patinação no gelo se converter em câmara frigorífica e eu só pensava: “que aqui essa doença não se crie...”. Boba eu, temos até a nossa própria cepa... (☹). Aproveitamos “os dias sem aula” para plantar grama no quintal, instalar os postinhos de luz no jardim (comprados há séculos), porém as angústias cresciam. No trabalho eram reuniões e mais reuniões *on-line* que não chegavam a nada. Até que começamos a enviar atividades complementares para as turmas; depois de um longo trabalho de organização das aulas remotas, veio um projeto de retomada, foram implementadas as Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs) e foi aí que a solidão começou a dar as caras... Quantos de nós já tinham experiência com EaD ou ensino remoto ou ainda ensino

híbrido? Confesso que em meu círculo de professorado poucas pessoas tinham experiência e foi uma correria para aprender, na marra, a usar esses espaços. Desde 2016 eu conhecia o Classroom, o que foi uma sorte, mas sei que para alguns colegas não, tanto que sou eu quem administra e posta as aulas de um professor idosinho que temos na *campus*! Porque o trabalho docente, como diz meu orientador, é ensino, pesquisa, extensão e “administração”. Existe o quarto pilar (o da administração), do qual não somos informados!

Nessa “vidaloka” de organizar o Classroom, organizar as aulas, planejar as atividades, tudo somado às atividades de casa e à vida acadêmica, me vi num *looping* sem fim de trabalho, mas cadê a equipe de trabalho? Cadê os colegas para pensarmos juntos? Ter a escola instalada dentro de casa é estranho, ter que ficar com a mãozinha levantada no Meet esperando para falar também; quando chegava o meu turno, o tema da discussão já era outro e não valia mais a pena trazer à tona, sem querer me vejo silenciada. Além disso, os momentos vividos em sala, especialmente aqueles recém-narrados aos colegas em conversas informais, já não existem, as trocas sobre as práticas exitosas ou fracassadas com os estudantes com necessidades educacionais específicas já não existem. Mesmo tendo os grupos de WhatsApp, as pequenas nuances do espaço escolar não são vividas...

Com a nova rotina/*looping* de trabalho, os bastidores da escola começaram a aparecer! Confesso que gosto da gestão escolar, gosto de estar na coordenação de curso, mas admito que aceitar ficar na coordenação de dois cursos foi muita loucura, caí no golpinho da direção 😞. Os problemas começaram a aparecer, um dos estudantes do subsequente depositou em mim todos os problemas do universo, sofri ataques pessoais horrendos, não gosto nem de lembrar! Tudo porque ele diz que se matriculou num curso presencial, não num curso EaD, e se recusava a fazer as aulas pelo Meet, dá para acreditar? Com esse estudante as coisas só pioraram, mas deixo isso para outra carta! 😊

As aulas fluíram, terminamos as APNPs, o calendário letivo foi retomado e veio o RDE (Regime Didático Especial), um formato bem parecido às APNPs, mas com um diferencial: as turmas de ensino médio integrado estariam com a carga horária dobrada, para atender aqueles estudantes que não puderam ou não quiseram fazer APNPs. Funciona assim: no horário normal, é a turma de continuidade, para quem está participando desde o começo; no contraturno, é a turma de retomada, para que possamos recuperar os conteúdos perdidos. Mais trabalho, óbvio, né? Com isso, me vi ainda mais distante do convívio com os professores, de nossas partilhas, e mais sozinha, pois me organizava, planejava e ninguém aparecia nas aulas de retomada...

Mas não desisto e gosto de me dar trabalho! Organizei um curso de extensão para conversarmos sobre filmes e séries em espanhol que estão disponíveis na Netflix e, para minha surpresa, nesses momentos, que não são obrigatórios, aqueles alunos que não aparecem nas aulas aparecem nos encontros e participam ativamente! Ora, ora, temos um fenômeno aqui! Nas aulas obrigatórias não há interesse e nas atividades de extensão, sim! Mas com quem eu compartilho e discuto essas inquietações? Quem eu convido para colaborar com a atividade de extensão? É um trabalho solitário e de formiguinha resgatar esses alunos... Professor Paulo Freire, que louco tudo isso, né?

Eu compartilho algumas inquietações com as professoras de Espanhol e com as professoras de Inglês, mas não damos conta, pois as urgências e as incompatibilidades de horários não permitem que tenhamos encontros para falar, que dirá para ouvir... Sigo com o trabalho individual, tentei fazer trabalhos colaborativos, mas há muita resistência, alguns colegas ainda não entenderam o quão benéfico é!

Ah, tenho mais a contar! Como a extensão é um dos pilares, ofertei duas turmas de Introdução à Língua e Cultura Polonesa, com 15 vagas cada. Tive 32 inscritos no total, aceitei todos! Que desafio louco: dar aula remota de Polonês, sempre fui professora de Espanhol

e também dei aula de Português para Estrangeiros, mas decidi que era oportuno e que deveria me arriscar, pois já estava me questionando se deveria permanecer no magistério ou retomar meus estudos para o Instituto Rio Branco, estudos há anos abandonados... Estava incomodada com as aulas de Espanhol em que ninguém interagia, poucas pessoas me respondiam e nas primeiras aulas da manhã faziam login e acho que voltavam a dormir, porque a aula terminava, eles se despediam e uns 3 ou 4 permaneciam conectados *ad eternum*.

Oh, vida, oh, céus, o que vai ser das aulas de Polonês? Por que eu estou fazendo isso? Não há mais ninguém no campus que saiba essa língua facilíma, nem o manual do professor eu tenho para me guiar. Vou com a minha experiência de anos e fui! Escrevi o Plano de Curso, montei o cronograma das aulas tudo sozinha, sem os ricos momentos de partilha e de discussão, apenas eu e meu eu-lírico. Comecei. Medo, receio, nervosismo, senti tudo isso, mas fluiu, foi como se eu desse aula de Polonês a vida toda. Língua Espanhola, obrigada por ter-me feito essa professora! Aí é que veio a surpresa da extensão: 100% de frequência, 100% de câmeras abertas, alunos se voluntariando para projetos de pesquisa, todos participando ativamente. Mas com quem eu divido isso tudo? Com quem eu falo sobre as aulas e sobre o que fazer nas aulas?

Tenho tantas perguntas e tantas inquietações... O que estou fazendo de errado para que meus alunos não queiram participar das aulas? O que estou fazendo certo para que permaneçam nas aulas de Polonês? O meu espaço de sala de aula, que também é o meu quarto, ainda é um espaço de pesquisa? Gosto de pensar que sim, embora não saiba como organizar isso academicamente, porque, pelo que tenho visto, tem tanta gente produtiva nessa pandemia que até parei de ver para não me sentir frustrada.

O trabalho docente na pandemia é muito solitário, embora eu compartilhe com a minha irmã, que também está nessa jornada. Não trabalhamos nas mesmas instituições, não temos os mesmos

alunos, nem lecionamos as mesmas disciplinas. É só o ouvido e o ombro de irmã mesmo!

Com as professoras Ana Paula, Denise, Kátia e Millene compartilho muitas das mesmas inquietações. Essas frutificaram, por isso hoje redijo esta carta/relato/narrativa como parte do nosso curso de extensão: *Narrativas de educadoras/es no ensino remoto: criando espaços para a escuta sensível*. E entendo que se vocês, colegas educadores, estão aqui, é que se identificaram conosco! ♡

Nossa! Acho que vou deixar um pouco de assunto para nossas próximas cartas ou para as discussões em pequenos grupos!

Um abraço fraterno!

Até logo! ¡Hasta luego! Do zobaczenia!

Hellen

5

Katia Bruginski Mulik

**ENTRE JANELAS
E SILÊNCIOS:**
digressões de uma professora
de língua inglesa
na pandemia

Em momentos de completa exaustão das aulas síncronas¹⁰ paro para olhar o movimento da rua. Moro em uma rua sem saída e aprendi a observar com mais atenção a movimentação e os sons desse espaço. Ouço os portões abrindo e fechando, o interfone tocando, os cães latindo, os pássaros cantando e os carros que chegam e saem. Há pouco mais de um mês, estranhei não ouvir mais o som da caminhonete do meu vizinho chegando. Descobri, por acaso, através de um grupo de WhatsApp dos moradores da minha rua, que ele estava internado devido a complicações da Covid-19. Nunca conversei com meu vizinho (que droga isso!), raras vezes o cumprimentei ao nos esbarrarmos quando eu saía e chegava em casa após ter passeado com meu cachorro. Faz pouco mais de duas semanas que meu vizinho morreu – infelizmente ele não teve a chance de ser vacinado, pois, quando a vacina estava disponível para sua faixa etária, já estava internado.

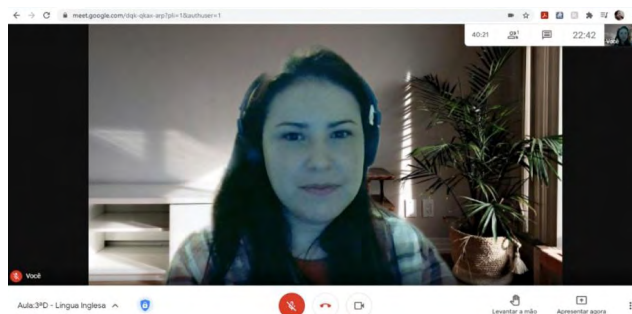
Faz alguns dias que eu acordo para fazer o café e observo a caminhonete dele lá, estacionada em sua garagem. É muito estranho tudo isso. Não sei explicar... materializar em palavras. Talvez você esteja se perguntando o que a morte do meu vizinho tem a ver com ensino remoto ou com minha prática docente nesses tempos. Ou ainda pense que eu estou fugindo do assunto... *Seriam digressões? Confusões mentais de uma professora cansada?* Talvez. Pode tirar suas próprias conclusões. Estou acostumada com a ideia de que nossos textos deixam de ser nossos quando os divulgamos pro mundo. Então... deixo essa tarefa para você, leitor/a!

O silêncio que agora virou regra na casa do meu vizinho me assusta. Assim como o silêncio das/dos minhas/meus alunas/os nas aulas síncronas. Um silêncio marcado por tantas possibilidades... marcado por corpos que vivem experiências tão diversas. Quando era professora no ensino presencial (coisa mais estranha falar isso!), silêncio era coisa

¹⁰ Esta narrativa foi apresentada no dia 19 de maio de 2021, quarto encontro do nosso curso, cuja temática era *O esvaziamento das relações de ensino-aprendizagem no ensino remoto*.

rara, presente de forma um pouco mais intensa em momentos de realização de testes. Pedir silêncio e conseguir obtê-lo também era coisa rara. Minhas/meus alunas/os não paravam de falar de si, entre si, entre outros... falavam na aula sobre a vida ou ainda sobre a aula. Não necessariamente nessa ordem, mas a aula presencial tinha vida! E a aula síncrona? Agora minhas/meus alunas/os são silenciadas/os de tantas maneiras... Tenho alunas/os que nunca falaram comigo. Realmente não sei se abriram o *link* da aula e me esqueceram lá, ou se estão impossibilitados/as de alguma maneira. Fico pensando: *o que os/as impede de falar? Vergonha? Falta de vontade? Falta de interesse pela aula? Violências? Será que não abrem seus microfones para evitar projetar na aula os sons da vida de suas famílias: crianças, cães, TV...?* Tenho também o silêncio das/dos que nunca participaram das aulas por falta de acesso à *internet* e equipamentos, o que tem sido a grande maioria. Tenho alunas/os que eu nunca vi o rosto nem por foto. É lamentável ensinar assim nessa relação tão distante. Logo eu, que sempre fui tão boa em lembrar o nome das/dos minhas/meus alunas/os, associando a seus rostos.

Figura 1 – Captura de tela de uma aula síncrona sem alunas/os



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Percebo o silêncio também na televisão quando, nas tantas reportagens sobre ensino remoto, não aparece a voz do/a professor/a para dar seu parecer sobre tudo isso que está vivendo. Quando aparece, está fantasiado/a de herói/heróina: *professor que percorreu 50/100 km para*

levar atividades impressas para os alunos; pedagogas que vão nas casas dos alunos... já vi professoras/es atravessando rios, indo a cavalo e até em carro de som para chamar atenção das/dos estudantes... *a tal busca ativa*¹¹, não é? O que acho interessante nisso tudo é que essa preocupação, na grande maioria dos casos, passa longe de estar voltada para a aprendizagem. Somos cobradas/os pelos números: “Professora, quantos alunos estão com nota baixa com você?”. É o tempo todo essa pergunta! Tá certo isso? Não deveria ser: “Professora, como estão seus alunos? Está conseguindo interagir com eles? Quais dificuldades estão tendo?” ou ainda “Seus alunos estão vivos, professora?”. SONHO!

Este ano, as/os professoras/es do Paraná ganharam uma torneleira eletrônica, que se chama Google Meet, já ouviu falar? No Paraná, que é melhor que a Finlândia¹² e o Canadá juntos, nós damos aulas ao vivo. *Pra quem?* Bom... aí é outra história. Funciona assim: você gera um *link* do Google Meet e fica lá aguardando com sua câmera aberta (sim, se fechar a câmera, leva falta!¹³). Tem que ficar o tempo integral da aula, independente se tem alguém ou não. Essa é a aula ao vivo. As/os professoras/es estão dando um *show*! Ninguém perguntou se o/a professor/a sente-se confortável em permanecer com a câmera aberta integralmente durante a aula. Se tem *internet* de qualidade para isso e se seu direito de imagem estará garantido em caso de uso indevido por participantes da aula. Tampouco se as/os alunas/os se

¹¹ Busca ativa foi uma orientação bastante presente nos documentos e resoluções escolares durante a pandemia. Implica na ideia de fazer com que todas/os as/os alunas/os estejam inseridas/os nas atividades propostas dentro das suas possibilidades de acesso; é um conjunto de estratégias que os gestores e as escolas buscam desenvolver para monitorar a participação das/dos estudantes e evitar, ou ainda reduzir, a evasão escolar.

¹² Fazendo alusão ao secretário da Educação, Renato Feder, que tem comparado o ensino do Paraná ao da Finlândia e que reforçou essa fala em alguns momentos na pandemia. Para mais informações, consulte: <https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Parana-busca-inspiracao-no-modelo-finlandes-de-educacao>.

¹³ O Paraná publicou a Resolução nº 1.311/2021 e, conforme a determinação, as/os professoras/es são obrigadas/os a realizar aulas via Google Meet com a câmera aberta para ter a sua presença registrada no sistema, ou seja, no descumprimento dessa orientação, o/a professor/a levaria falta, podendo ter prejuízos em seus rendimentos salariais e em sua progressão na carreira.

sentem confortáveis nessa situação, se querem exibir suas casas para colegas, se terão sua imagem preservada. Simplesmente, determinou-se assim. Como sempre, ninguém perguntou para as/os professoras/es como ou qual seria a melhor forma de fazer esse trabalho.

Sou professora de Língua Inglesa de turmas do Ensino Médio de uma escola do campo situada a 60 km da capital, Curitiba. Tenho aproximadamente 300 alunas/os, porém, nas aulas síncronas, somando todas as turmas, nunca tive mais que 20 participantes. *E os demais onde estão?* Alguns estão recebendo atividades impressas... aí mora outro silêncio, pois eu não ouço suas dúvidas, suas dificuldades ou ainda suas reclamações em ter que fazer tarefa de Inglês. 'Eita' saudade de ouvir "é para traduzir?", "é para responder em inglês?" ou "dá pra fazer dupla de três?". É uma troca de papéis (atividades) que para muitos não diz nada e que retorna para mim na mesma proporção. O que quero dizer é que é muito difícil saber se eles/elas realmente estão aprendendo ou, ainda, se é possível ensinar num contexto em que sobreviver tem sido a tarefa mais importante. bell hooks, me ajude aqui: *"como participar do crescimento intelectual e espiritual" de minhas/meus alunas/os nesse cenário tão caótico em que nem eu mesma consigo me entender?*

Uma vez ouvi de uma aluna que ela gostava das minhas aulas porque eu falava sobre a vida. Passei dias pensando sobre o que ela disse, tentando entender o que tinha evidenciado essa interpretação. Pensei também por que essa observação ganhou destaque, já que a escola "deve preparar para vida". *O que temos feito com a vida de nossas/os alunas/os na pandemia? O que nossa Secretaria de Educação tem feito? O que o Ministério da Educação tem feito?* Silêncios... silêncios... silêncios...

Dias atrás, um deputado (cujo nome não vale a pena citar, para não dar mais popularidade) falou que era um absurdo estarem permitindo que "os professores causem tanto dano às nossas crianças na continuidade da sua formação". Ele estava se referindo ao fato de

estarmos dando aulas remotas e não presenciais. É... parece que o vírus perdeu o pódio pra gente! As/os professoras/es se tornaram mais vilãs/ões e perigosas/os que o vírus nessa pandemia. É... como diz nosso secretário... “Os professores estão realmente dando um *show!*”

A concepção de sociedade moderna tem defendido a separabilidade da razão e da emoção. Assim, tem sido enfatizado que a escola deve “preparar para a vida”, mas não se pode falar da vida na escola. Não se pode falar da vida porque há uma lista imensa de conteúdos “mais importantes” que precisam ser cumpridos para que os alunos “se deem bem na vida”. *A escola é a materialização da contradição, não é? E como fica a pedagogia engajada? A educação como prática da liberdade?* bell hooks, ajuda a gente novamente, por favor!

O que é falar da vida nessa pandemia? Aprendemos, com inúmeras perdas, sobre a linha tênue existente entre vida e morte. No início, fomos marcadas/os pelas cantorias nas janelas, os aplausos aos profissionais da saúde e nos alimentamos com o discurso de que “sairemos melhores dessa” ou “o ser humano vai aprender muito com essa pandemia”. Sim, eu aprendi muito, mas não posso negar que por dentro me sinto destruída. Afinal, são quase 500 mil vidas...¹⁴, mas há outras vidas perdidas que ainda podem ser resgatadas porque a pandemia afeta os mais vulneráveis também de outras formas.

Hoje faz um ano e dois meses que eu deixei a sala de aula presencial. Lembro dessa saída estranha, em que conversava com meus colegas e comentávamos: “Nossa, quando será que a gente volta?”, “Acho que daqui a umas duas semanas”..., “Acho que daqui a um mês”. Lembro também de dar a triste notícia da suspensão das aulas para uma turma da 3ª série do Ensino Médio. Abalados, eles falavam: “Mas, professora, temos que aproveitar ao máximo nosso último ano na escola”. Certamente eles não imaginavam que passariam o resto

¹⁴ No final do mês de junho de 2021, o Brasil chegava à triste marca de 500 mil mortos em decorrência das complicações da Covid-19.

do ano assim. Lamentável! Daquele último dia como professora de aulas presenciais eu também lembro de um aluno comentar: “Professora, o vírus tá longe... não vai chegar aqui!”. Ah, como eu queria que ele estivesse certo. Essas memórias dificilmente se apagarão, pois elas marcam um tempo que não existe mais. A escola que eu deixei em março de 2020 nunca mais será a mesma, porque eu não sou a mesma, meus alunos e alunas não são os mesmos... a educação nunca mais será a mesma.

Esse movimento de passado e presente me remete à mitologia de Janus, um deus que possui duas faces: uma que observa o futuro e a outra que olha para o passado. Janus é o deus dos términos, do encerramento de ciclos, mas também dos recomeços, representando a dualidade das relações humanas. Assim sou eu: uma professora que olha para o passado, marcado por um saudosismo, por um ciclo que se encerrou para dar lugar a um novo tempo, com outras incertezas, *links*, aulas virtuais, disputas políticas, *fake news*... Um tempo que me chama a ser uma “profe antenada” na tecnologia, para dar uma aula “*show*”, que deve assistir às *lives* infinitas que trazem respostas sobre como ser uma professora melhor. *Será que eu consigo, minha gente?* Nada contra a tecnologia, até porque quem me conhece sabe o quanto eu gosto de fazê-la de minha aliada nas práticas pedagógicas. O que realmente me incomoda nisso tudo é o tanto de coisas que querem que a gente aprenda para sermos melhores sem se preocuparem de fato com a aprendizagem das/dos alunas/os. Sem levar em conta quem são esses sujeitos, onde moram, o que precisam, como preferem aprender... Saímos da escola em março de 2020 sem saber que muitas/os de nossas/os alunas/os passam fome e que, provavelmente, se não têm comida no prato, não devem ter acesso às tecnologias, *internet*...

Figura 2 – Janela do meu escritório



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Da minha janela, que, a princípio, precisa de uma limpeza urgente (*olha a virginiana falando agora!*), vejo a luz do sol invadindo meu escritório, me aquecendo nesta tarde de quarta-feira. Essa luz renova minhas esperanças em dias melhores, em que talvez possamos nos encontrar de novo presencialmente para falar da vida e nos enchermos de vida. Me dá esperança de encontrar minhas/meus alunas/os bem, minhas/meus colegas de trabalho bem... de poder encher meu armário de papéis e livros e de deixá-lo bagunçado novamente, porque hoje ele está vazio, a escola está vazia, o silêncio impera... a janela não abre porque nunca ninguém pensou na importância da circulação do ar nesse espaço. *E será que pensam? Ou melhor, será que querem pensar?*

Mas e você, o que me conta da sua janela? Como tem vivido a sua pandemia?

...

P.S.: Dialogando com a Hellen...

Minha querida companheira Hellen escreveu um recado tão lindo, cheio de afetividade e emoção, no *padlet* de nosso curso logo após

a escuta de minha narrativa, que não poderia deixar de incluí-lo aqui e compartilhar com vocês.



A narrativa da Katia me tocou profundamente. Chorei enquanto escutava e chorei com o pequeno grupo que amavelmente me acolheu! Perdi vizinhos para a COVID-19 e para o suicídio, a pandemia não nos poupa! Na frente de casa também tem uma caminhonete, a vizinha, filha única, perdeu o pai para a COVID-19, herdou o veículo, dinheiro, negócios, mas já não tem seu bem mais precioso.

A pandemia fez com trabalhássemos de casa, fez com que olhássemos o mundo pelas telas ou pelas janelas. As janelas de minha Madrid se encheram de música nos primeiros dias, depois foram se fechando, voltando ao que eram (pouco provável, acho que se cansaram...)

No pequeno grupo as imagens ilustram a costura formada por nossas reflexões, momento ímpar!

Falamos sobre os espaços adaptados e como as mudanças dentro de nossos lares foram acontecendo desde o início da pandemia, além de nossas mudanças internas, em que nos vimos voltando ou querendo o refúgio da casa dos pais.

A imagem que ilustra este registro – escrito pela terceira vez porque derrubei o celular e apaguei tudo! – é de um dia normal no trabalho do meu irmão Frederique Antônio Gonçalves em 20/05/2021 em Ponte do Arcos, São Luiz do Purunã. Ele é engenheiro florestal e, como outros profissionais, não pode trabalhar de casa, por isso não tem janelas. Está “seguro” cuidando das reservas ambientais, que estão sendo destruídas pelo agronegócio durante a pandemia... A foto ficou tão linda que achei que deveria ser compartilhada com vocês!

Juntos somos mais fortes!

REFERÊNCIA

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, [2013] 2017. p. 25-36.

S U M Á R I O

ENCANTAMENTO

6

Millene Barros Guimarães de Sousa

NARRATIVA EM SENTIMENTOS ESPECÍFICOS

O INÍCIO – AS INCERTEZAS

Desde o ano passado¹⁵, após alguns meses da suspensão do calendário escolar na escola em que trabalho, tenho sentido muitas incertezas. Essas incertezas são fruto de um contexto pandêmico, em que as certezas se perderam, não fazendo sentido, seja pela minha incapacidade de compreensão do que é este cenário complexo, seja pela consciência de que preciso aprender a lidar com toda a complexidade existente. Preciso aprender a lidar com as/os alunas/os no remoto, o espaço da sala de aula virtual, as pressões do trabalho remoto, o julgamento da sociedade sobre nosso trabalho, entre outros. As incertezas escolares surgiram em mim quando ficamos à deriva por meses, sem um acolhimento da escola, sem uma direção, sem uma perspectiva do meu papel como professora. O que a escola sabia no início da pandemia? Nada. Foi montado um Comitê Operativo de Emergência, para avaliar e deliberar as ações no contexto de pandemia: até hoje nem eu, nem quase nenhum/a professor/a sabe quem o constitui. Tudo que você aprende na faculdade sobre gestão democrática, dialogismo e construção coletiva parece que não vale para o mundo real. Muitas escolas, em diversos estados, logo chegaram com soluções. Eu, vendo pela televisão ou lendo pela *internet*, imaginava o que minhas/meus alunas/os estariam sentindo sem a escola e tentava entender o que eu sentia sem o meu espaço da escola. Era logo no início de tudo, cada dia uma informação sobre a Covid-19, cada dia uma *fake news*, cada dia mais números de pessoas contaminadas e mortas. Cada dia um novo entendimento do meu tempo, do meu espaço, dos meus sentimentos. As incertezas chegaram ao meu fazer – ser professora. A escola deu um primeiro sinal de resgate ao barco à deriva ao noticiar que deveríamos oferecer atividades às/aos alunas/os. Ninguém sabia muito bem o que significava “atividades” nem para

¹⁵ Esta narrativa foi escrita e apresentada em 05 de maio de 2021, no segundo encontro do nosso curso, cuja temática era *As pressões das políticas educacionais no trabalho remoto*.

que elas serviriam. Chegavam até nós, professoras/es, que as/os responsáveis estavam decepcionadas/os com a escola, que suas/seus filhas/os estavam com depressão, sentindo-se abandonadas/os. Tudo aquilo era recebido com um turbilhão de emoções. Aflições que não paravam de me rondar por não saber se as/os alunas/os estavam se alimentando bem – as/os estudantes se alimentavam na escola antes da pandemia –, se as/os responsáveis tinham sido mantidas/os em seus empregos, se aquelas/es estudantes que ainda estavam com dificuldade de ler e escrever haviam regredido, se estavam se protegendo da Covid-19. Muitos eram os “ses” que passavam pela minha insônia.

O MEIO – AS ANGÚSTIAS

Depois de muitos meses e horas nas videochamadas em reuniões intermináveis, chegamos a um discurso de maioria do que seriam as “atividades” realizadas com as/os alunas/os no momento remoto. Afinal, “precisávamos fazer algo”; essa era a fala recorrente nos encontros virtuais com as/os colegas professoras/es. Eu levantava minha mão nas videochamadas para levar exemplos do que outras escolas estavam a fazer, com a troca de informações com outras colegas, e trazer as discussões teóricas e políticas sobre o ensino remoto e os deficientes visuais. As angústias cresciam a cada dia em busca de uma solução para voltar a fazer o que sei: ser professora. Veio o momento em que o calendário continuaria suspenso, mas a aproximação, a retomada do convívio escolar se fazia mais que urgente, mesmo que remota. Falar com minha/meu aluna/o, mesmo que fosse um “oi”, seguido de “como você está?”, havia ganhado um novo significado. O contexto exigiu muita cautela, eu continuava defendendo o não retorno presencial, pelo principal motivo de que não era seguro retornar à sala de aula, mas privar a/o minha/meu aluna/o do convívio escolar só me afetava, cada dia mais.

O MEIO – OS MEDOS

O barco tinha sido resgatado da deriva, mas estava ainda perdido. Ninguém tinha as respostas certas, muito menos um plano B para a escola num momento inédito como aquele. Mas alguém precisava apontar o caminho para o barco navegar. Estávamos orientadas/os, ou desorientadas/os, pelos pareceres CNE publicados nos meses de junho e julho de 2020, que versavam sobre as atividades não presenciais e a reorganização do calendário escolar; as orientações para as atividades e aulas presenciais e não presenciais. Na primeira portaria, mal foi mencionada a Educação Especial. Motivo de crítica de diversos setores e agentes da educação especial. Na segunda portaria, já se falava em retorno presencial por modelo híbrido, alternado, intermitente, excepcional e integral, além do virtual. No entanto, o documento foi taxativo quanto aos deficientes visuais: “Os estudantes da Educação Especial devem ser privados de interações presenciais”. Esse trecho foi recebido por muitas/os autoras/es também, com críticas, como representação de exclusão e preconceito. Em suma, os pareceres não eram o farol que guiava o barco. Chegou o momento em que a palavra *autonomia* esteve presente em muitas videochamadas, marcada pela falta de diretrizes, usada por colegas que queriam fazer valer suas reais experiências sobre a Educação Especial, nada mais do que justo. Em alguns momentos, me senti à vontade para expor meus pensamentos, ideias e contribuições e até acreditei que poderíamos construir em conjunto, trabalhar em coletivo, algo que faz parte de minha natureza inquieta, de querer aprender com o outro. Mas tudo não passou de horas intermináveis, tempo até perdido, falas desconexas e, sobretudo, um ínfimo interesse e disposição de algumas em pensar juntas em um novo fazer da docência. Talvez o meu medo maior houvesse tomado conta de mim: o medo de não ser uma construção coletiva no contexto em que ninguém sabia o certo ou errado; o bom e o ruim; o melhor ou o pior. Lembro bem do grupo de professoras/es que queria construir algo novo, algo que

fizesse sentido. Assim, surgiu o acolhimento como um compromisso de resposta às necessidades das/os cidadãs/ãos, levantando a importância de olhar para as/os alunas/os e, naquele contexto pandêmico, de receber, valorizar, estimular a/o estudante e, sobretudo, que a escola pudesse retomar os vínculos afetivos com o alunado. São muitos “talvez” que valem hoje a reflexão e lembrança daquele momento.

O MEIO – AS SOLIDÕES

Naquele momento, tive a impressão de estar em outro barco. Sempre fui uma professora que não vê com bons olhos o que está dentro da caixa, quietinho. Sentia a necessidade de fazer muito mais fora da caixa pelas/os minhas/meus alunas/os. No entanto, percebi que não havia espaço naquele momento e segui tocando meu barco ou seguindo o barco da equipe de professoras/es de Língua Portuguesa. A equipe adotou ações de acolhimento com que concordei em parte. Mas resolvi economizar energias, não indo atrás de divergências, que sempre compro e sigo, se acredito. Isso significou proteção e respeito ao meu emocional, corpo e mente; eu também estava em pandemia, sendo afetada por ela. Afinal, eram muitas incertezas, angústias, medos e solidões, ou tudo isso junto. Pelo menos, eu tinha o mínimo de contato com as/os alunas/os e sabia que algumas/alguns estavam bem e dispostas/os a estabelecer novas conexões com a escola. As/Os demais estudantes, com quem não tive contato, ainda permaneciam no campo das imaginações. Levei, dessa forma, o que restava do primeiro ano de pandemia. Fiz o meu melhor dentro do possível com minhas/meus alunas/os. Seria uma nova pedagogia? A pedagogia do possível. Tive a definição de estar em outro barco.

O MEIO – AS ESPERANÇAS

Em 2021, as esperanças se renovaram. Com isso, minhas energias voltaram com uma boa carga positiva. O acolhimento já não fazia parte das ações da escola. Ainda bem! Analiso essa fase como um fracasso do nosso trabalho (é claro que eu me incluo neste barco!) pelo motivo do acolhimento ter sido um depósito de tarefas, na maioria das disciplinas, não efetivando laços afetivos com as/os estudantes. Poderíamos ter feito muito mais, no entanto não aconteceu. Aí vem o lugar da esperança, não de voltarem as aulas presenciais ou de ter um fim repentino a pandemia, mas de que vou continuar a fazer o possível com as ferramentas que tenho. Enfrento o desafio de trabalhar com turmas, além de corpos, com quem nunca estive, no mesmo espaço, presencialmente, que conheci a voz vinda de uma janelinha com a câmera fechada, além dos recursos tecnológicos pouco acessíveis. Este ano são aulas remotas com obrigatoriedade curricular, num modelo de dois anos em um ano, adaptado de ciclo, imposto pela gestão, sem parâmetros pedagógicos e sem a escuta e diálogo com quem tem o lugar de fala – o/a professor/a. Sigo com minhas esperanças e convicções de professora, na tentativa de ressignificar as janelinhas das videochamadas e os grupos das turmas no aplicativo de conversa no celular, numa sala de aula, onde todos possam interagir, (re)existir, confiar, sorrir e aprender uns com os outros. Talvez eu tenha me tornado um pouco mais responsável como educadora, neste contexto inédito de pandemia, por dar mais importância aos laços de afeto, de que estamos tão carecidos hoje. Tenho esperanças.

O MEIO – AS RESILIÊNCIAS

As incertezas, as angústias, os medos, as solidões e as esperanças continuam em mim, como combustível de ser resiliente no ensino remoto, neste contexto interminável, como qualquer ser humano que foi afetado e tocado pela era da Covid-19.

7

Camila Haus

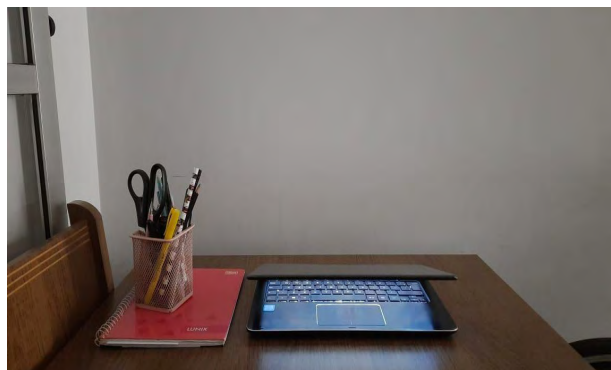
SOBRE UMA JANELA E UMA CONEXÃO

Professora, estudante, filha, esposa, amiga. Posso dizer que essas são algumas das posições subjetivas discursivamente construídas com as quais eu me associo neste espaço-tempo, pois essa identidade (HALL, 2000) é sempre fluida, inconstante. Inclusive, a pandemia da Covid-19 trouxe inúmeras desestabilizações para essas subjetividades. Se ainda me lembro bem, antes da quarentena minha rotina era muito dinâmica, marcada por idas e vindas, horários, pessoas e espaços diferentes todos os dias. Em alguns eu pegava o ônibus de manhã, ia para a universidade, depois para o trabalho e então para o curso de francês. Em outros, ficava trabalhando em casa e só saía para dar aula à noite. Meus fins de semana eram de muitos encontros e experiências. Em geral, posso dizer que me sentia conectada com meus alunos, amigos, familiares e com o mundo através desses deslocamentos e contatos constantes. Eu sempre dizia que jamais conseguiria me ver trabalhando todos os dias da semana em um mesmo horário, em um mesmo escritório, sozinha.

Infelizmente, dia 13 de março de 2020 foi a última vez que pisei em uma sala de aula. Lembro dela muito bem, apesar daquele dia ter sido o primeiro e único naquele espaço. Lembro também de me despedir dos alunos dizendo: *“have a nice weekend, and please be careful with corona!”*. Desde aquele dia, já se passaram 15 meses. São quase 500 dias fazendo o que eu dizia que jamais conseguiria: trabalhando no mesmo espaço, na mesma mesa, todos os dias, sozinha. Eu não tenho um escritório em casa, então tive que me “instalar” na mesa da sala. Dessa forma, durante meses eu me vi não só trabalhando, mas estudando, cozinhando e descansando no mesmo ambiente. Sem saber diferenciar direito as coisas, confundindo tudo na minha mente e no meu corpo. Meu computador na mesa em frente a uma parede, e eu sem ter para onde olhar quando quisesse descansar os olhos. Me lembrei das palavras de Clarice Lispector quando G.H se vê paralisada no quarto em que se sentia sufocada: “[o] quarto não tinha um ponto que se pudesse chamar de seu começo, nem um ponto que pudesse

ser considerado o fim. Era de um igual que o tornava indelimitado” (LISPECTOR, 2009, p. 44).

Figura 1 – Meu espaço de trabalho



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

À limitação do espaço, pela qual eu me sentia presa e sufocada, somava-se uma inquietude enquanto professora. Meu maior desejo em cada sala de aula sempre foi o de desenvolver relacionamentos significativos e afetivos! Quero que meus alunos gostem de mim, dos colegas, de estar ali. Penso que esse meu desejo se alinha com as afirmações de bell hooks (2013), de que o

trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (2013, p. 25).

Mas e na aula *on-line*? E nesse contexto trágico de pandemia? No momento em que abri uma sala do Zoom para minha primeira turma *on-line*, em meados de abril de 2020, me senti paralisada. Como é que eu ia iniciar aquela aula de Inglês Básico 1, perguntando “*what’s your name*” e simplesmente fingindo que estava tudo

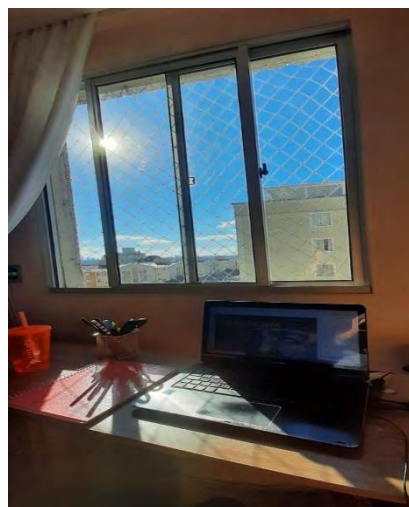
bem? Como eu iria conhecer meus alunos através da tela? O que será que meus alunos estavam sentindo? Emprestando as palavras de Tarc (2020), meu medo era de

me sentir *desconectada* e não literalmente, mas social, emocional e epistemologicamente. Encaro minha tela bidimensional, digo pra mim mesma que tudo está bem, [...] ao mesmo tempo me perguntando... *Vocês estão aí? Podem me ver? Estão comigo? Vocês estão bem? Onde vocês estão? Nós estamos bem?*" (TARC, 2020, p. 122, tradução minha, destaques do autor)

Por fim, ao mesmo tempo em que eu estava fisicamente presa e isolada, bem como angustiada com essa dificuldade de conectar-me com meus alunos, ainda existia o terror "lá fora". Havia não só um vírus desconhecido que ameaçava vidas, mas também um presidente incompetente, discursos fascistas, ódio, egoísmo, polarização... Sufocante! Eu sentia desespero e total desesperança com o ser humano, como se ele estivesse completamente preso dentro de si mesmo e de suas vontades e desejos, sem ser capaz de olhar para o lado e estender a mão. Eu me vi totalmente desconectada do mundo!

Passaram-se alguns meses permeados por esses sentimentos de sufoco, desesperança, solidão. Certo dia, durante uma conversa com minha psicóloga (eu sempre tive vontade de buscar autoconhecimento através da terapia e, sim, 2020 foi o impulso que me faltava), ela me disse que eu precisava de outro lugar onde eu pudesse só trabalhar, que não fosse o mesmo onde eu descansava e fazia todo o resto. Eu precisava dividir esses momentos e atividades na minha mente, no meu corpo e nos meus espaços. Foi então que coloquei uma mesinha dentro do aposento onde guardo minhas roupas, uma espécie de closet. E fiz o que eu percebi mais adiante como uma das coisas mais importantes: coloquei a mesa de frente pra janela.

Figura 2 – Meu novo espaço de trabalho



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Parece algo muito simples, mas não foi. Nas palavras de Bauman (2009, p. 17), “[é] nos lugares que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado”. Somos muito mais do que só corpo e mente. Estamos ligados ao espaço, e não só modificamos ele como ele também nos modifica. Eu estava em um outro ambiente, no qual eu não me sentia mais presa, no qual, ao cansar meus olhos, por estarem tantas horas seguidas fixos na tela de um computador, poderia voltá-los para a janela. Entretanto, me parece que esse olhar para fora foi mais do que um descansar da vista ou a possibilidade de receber um pouco do calor do sol dentro de casa. Foi a possibilidade de respirar, de experimentar um alívio daquele sufoco, foi um acender de esperança quando tudo parecia tão perdido, tão... desconectado.

Para além dessa minha relação com o espaço físico, na mesma época eu também passei por uma experiência marcante com uma

turma de alunos. Sou professora de inglês para adultos em um projeto de extensão de uma universidade pública e, no segundo semestre de 2020, um dos grupos em que eu lecionava era um Inglês 8 (seria algo próximo do nível B1 do CEFR¹⁶). Para a avaliação, propus um projeto no qual os alunos, em grupos, escolhiam um problema social a partir de algumas leituras e discussões em sala. No decorrer das aulas, íamos fazendo conexões entre os temas propostos pelo livro didático e o problema social escolhido por cada grupo. Aos poucos, eles iam buscando notícias, artigos, imagens, vídeos e diferentes tipos de mídia, ao mesmo tempo em que produziam os seus próprios textos. Ao final do semestre, esse material deveria ser organizado em um *padlet*¹⁷, no qual os alunos também deveriam postar um vídeo de autoria deles, que resumisse os pontos principais do seu projeto.

Em um ensolarado sábado de manhã, no fim do mês de novembro, os alunos apresentaram seus *padlets*. Eu estava encantada! Observando todos aqueles trabalhos, eu começava a perceber o quanto aqueles alunos estavam realmente ali comigo. Claro, eles continuavam do outro lado da tela, só com os rostinhos aparecendo, mas eu senti que estávamos, de fato, conectados. Assistíamos então ao vídeo de um dos grupos, cujo tema era a seca no estado do Paraná:

The best way to reverse the situation is by awaring people. Many digital influencers are helping. An example is Gregorio Duvivier, from Back Door... and other influencers less known, such as teachers... yes, teachers! For instance, our own teacher! Sorry, teacher, this was the only image I had of you... She has made us search about social issues, and we searched about Paraná's drought. How good is this? (ALUNO, 2020¹⁸).

¹⁶ Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (CEFR) – British Council: <https://www.britishcouncil.org.br/quadro-comum-europeu-de-referencia-para-linguas-cefr>.

¹⁷ O *padlet* é uma ferramenta que permite criar quadros virtuais. Para saber mais, acesse: <https://padlet.com/>.

¹⁸ Transcrição de trecho da fala do aluno, a partir de gravação própria no aplicativo Zoom, feita na aula do dia 28/11/2020.

Figura 3 – Captura da tela do Zoom durante o vídeo de um dos grupos



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Foi mais especificamente naquele momento que me dei conta. Eu finalmente percebi que, apesar de não estar em uma sala de aula física e não ter as mesmas possibilidades de ler as expressões corporais dos meus alunos, de ver circular ideias, emoções e afetos..., eu ainda poderia estar, e estava, me conectando com eles de alguma forma. Novamente tomando as palavras de bell hooks (2013), eu pude me perceber participando “do crescimento intelectual e espiritual” dos meus alunos.

Neste momento, terminando de escrever a minha narrativa, olho para a janela na frente do meu computador. Respiro fundo e me recordo dos processos pelos quais passei durante esse tempo tão difícil. E me lembro das tantas narrativas de outros professores que tive a oportunidade de ouvir no curso que foi o berço para a criação deste livro. Agradeço a esses outros seres e aos meus alunos, que me tocaram de alguma forma e me fizeram perceber que não estou sozinha. Que o mundo não está perdido. Que ainda temos muitos que querem abrir suas janelas para conectar-se e dividir um mesmo caminho. E no quarto ao lado, meu marido canta e toca no violão...

Quando o sol bater
Na janela do teu quarto
Lembra e vê
Que o caminho é um só
(*Quando o sol bater* - Legião Urbana)

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- HALL, Stuart. Who needs 'identity'? *In*: DU GAY, Paul; EVANS, Jessica; REDMAN, Peter (Ed.). **Identity: a reader**. USA: SAGE Publications, 2000, p. 15-30.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- TARC, Paul. Education post-'Covid-19': re-visioning the face-to-face classroom. **Current Issues in Comparative Education (CICE)**. Vol. 22, n. 1, Special Issue, 2020.

8

Rogério Alexandre das Dores

**E POR QUE REPRIMIMOS
NOSSAS EMOÇÕES?**
A pandemia cerceando
sentimentos e espaços

Quando fiz minha inscrição para o curso, só pensava em como iria dar seguimento às atividades porque estava realizando outras tantas e isso seria um grande desafio. Logo no primeiro encontro, já mudei minha perspectiva, uma vez que as conversas com o grupo me trouxeram uma nova expectativa. Ao fazer a leitura do texto indicado, minha visão do curso mudou completamente e vi que foi muito mais valioso do que o esperado. Confesso que no início não estava muito motivado, mas agora sei que muitas contribuições foram inseridas em minha vida, de modo geral.

Nas primeiras semanas do curso, estava terminando outro na área de Língua Espanhola e escutei de uma das professoras responsáveis que ela não trabalharia com determinada canção pelo conteúdo erótico - nesse caso o ritmo é o *reggaeton*. Fiquei pensando que a maioria dos nossos estudantes sempre pedem esse tipo de canção e que lhes ensinemos mais sobre o reggaeton e sua história.

Os estudantes têm sede de conhecimento e querem que lhes seja dado de acordo com seu conhecimento prévio. Por isso, é muito importante que estejamos atentos ao que nos pedem. Como observa Carvalho (2020), o conhecimento que nos trazem, nos possibilita ampliar ainda mais nossos saberes, o que pode possibilitar novas oportunidades de conduzir o processo de ensino-aprendizagem.

Nossos alunos não devem ser considerados simples partícipes do processo de ensino-aprendizagem porque apresentam, a partir de suas experiências¹⁹, os conhecimentos mais diversos, que contribuem para o desenvolvimento desse processo, ainda que o momento pandêmico tenha nos privado cada dia mais de um contato mais próximo com a realidade deles. É nessas experiências que devemos nos basear na hora de programar as atividades, para que eles se sintam parte importante do processo de formação acadêmica e identitária.

¹⁹ Conhecimentos adquiridos durante a vida, através das experiências vividas.

O processo de escuta é muito importante quando se trata da construção de conhecimento, uma vez que todos os envolvidos estão vivendo um momento diferente e trazem as mais diversas experiências de vida, mas, também, é preciso lembrar que essas ações não devem ficar restritas a este período pandêmico: precisam ser levadas para além dos muros da escola e de nossa vida profissional.

OS ENCONTROS E AS DISCUSSÕES: ESPAÇOS PARA A ESCUTA SENSÍVEL

A dinâmica do curso foi bastante produtiva, pois, além das leituras sugeridas e dos encontros virtuais, via Google Meet, possibilitou as mais diversas reflexões sobre o momento que estamos vivendo. Foi possível relatar as angústias, as dificuldades e as dores causadas pela Covid-19 e, conseqüentemente, o isolamento social, que nos impede de manter um contato mais próximo com nossos colegas e estudantes.

Um de nossos encontros nos possibilitou uma reflexão importantíssima para o nosso desenvolvimento profissional e pessoal. Discussões muito emocionadas se deram no pequeno grande grupo que se formou durante o encontro e que nos permitiu expressar sentimentos dos mais variados. Essa doença que nos assola tem levado pessoas queridas (próximas e distantes) e nos causa muita dor, mas também nos tem proporcionado observar detalhes de que antes nem nos dávamos conta.

A fragilidade do ser humano foi exposta e isso nos tem feito repensar sobre comportamentos não só individuais, mas também coletivos, aproximando-nos cada vez mais daqueles com quem convivemos e, muitas vezes, não nos importamos tanto. Contudo, o individualismo, o egoísmo, a miséria, a falsidade, a falta de empatia ainda são senti-

mentos e atitudes que permanecem em nosso meio, prejudicando o desenvolvimento físico e intelectual de cada indivíduo.

Lidar com o mundo neste momento tão doloroso de perdas e sentimentos ruins fica ainda mais complexo quando o lugar ocupado pelos indivíduos não lhes permite contato pleno com o todo de uma determinada sociedade. Tal situação é recorrente no sistema prisional, espaço onde atuo com a disciplina linguagens e suas tecnologias, espaço que já enfrenta seus próprios desafios e onde a prática docente deve ser repensada e adaptada a cada momento. Pensar a realidade dos alunos do sistema prisional é algo que exige um foco bastante sensível, uma vez que naquele espaço não há janelas ou os internos não podem ter contato com as existentes. A essas pessoas, ainda que privadas de liberdade, não deve ser negado o direito à educação, e os espaços para a realização das atividades educativas precisam ser adequados, pois as grades e a pouca ventilação interferem no processo de ensino-aprendizagem.

Ao fazer essa observação, durante um encontro, foi possível perceber que muitos sentimentos e emoções afloraram e que as preocupações com os privados de liberdade não são privilégio de alguns educadores. Muitas foram as experiências compartilhadas e tivemos a oportunidade de ouvir um relato que nos deixou bastante pensativos com relação ao período que estamos vivendo. A professora Hellen, em sua narrativa, trouxe questionamentos sobre nosso papel enquanto educadores, bem como alguns desafios no que tange o ensino remoto, como a falta de entendimento de como ele se constitui por parte de alguns envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Naquele encontro, foi possível conversar sobre como estamos frágeis neste momento tão difícil para todos.

Como colocado na exposição da Hellen, acredito que sermos árvores nesses tempos obscuros nos permite ao mesmo tempo estar firmes em nossas posições e transitar por outros caminhos que pos-

sam nos conduzir a novas experiências. É muito importante buscar soluções significativas para esse desafio que enfrentamos e não desistir nunca de nossos objetivos!

Resolver problemas com criatividade não é muito comum, achamos bem mais conveniente usar a lógica e buscar soluções que já deram certo antes. Porém, nem sempre “o que deu certo antes” ou “o que parece mais lógico” é o correto para essa situação. Existem vários processos e metodologias para solucionar problemas, e todos usam a mesma ferramenta: a *criatividade*. Ela surgiu justamente para isso e, independente do que você precise resolver, é ela quem vai te dar a melhor base para achar a solução. Acredite, a criatividade não é apenas para artistas, publicitários ou comediantes; ela é para todos. Você não pode nem deve ter receio de abusar da criatividade quando necessitar de soluções: todo o seu repertório será aproveitado no processo e o resultado surpreende.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que o ser humano é o único, no mundo, a reprimir sentimentos e emoções. Desde crianças somos obrigados a esconder aquilo que sentimos, sem receber nenhuma explicação do porquê. Somos levados a esconder a necessidade de um carinho, de um abraço e isso pode nos causar problemas emocionais e até mesmo físicos. Durante nosso curso, foi possível escutar muitas histórias de vida de colegas que atuam em variadas frentes, mas que vivem situações muito parecidas, devido ao momento que estamos vivendo.

A crise sanitária que nos assola desde o início de 2020 nos tem obrigado a distanciar-nos de atividades e para muitos de nós é como se não vivêssemos plenamente. Perdemos entes queridos, próximos e distantes, tivemos que superar as mais diversas situações e até nos

adaptar a um novo formato de vida social. Sentimos mesmo uma imensa tristeza ao saber que o contato interpessoal não será igual, nunca mais!

Ainda que estejamos próximos, vamos estar cada vez mais distantes, até que se encontre uma solução que nos permita estar novamente juntos, com contato físico. O mundo evolui tão rápido que viver apenas de soluções antigas não dá mais, teremos que aceitar que os problemas irão evoluir também e precisamos estar prontos para encarar isso.

REFERÊNCIA

CARVALHO, Maria Cristina Moraes de. Sobre a pedagogia do fracasso e do erro: metamorfoses. *In*: SOUZA NETO, Alaim; BIEGING, Patricia (Org.). **O que é ser professxr?** São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 143-151.

9

Elza de Fátima Dissenha Costa

**NARRATIVA SOBRE
O ENSINO REMOTO
A PARTIR DAS VIVÊNCIAS
DE UMA PROFESSORA
APOSENTADA:
Quais janelas? Quais escutas?**

Esta narrativa é pessoal, mas coletiva também, no sentido de envolver outras pessoas com quem convivo. Parte de uma ideia colocada no curso de extensão promovido pelo Núcleo de Apoio Pedagógico da Universidade Federal do Paraná (UFPR) intitulado *Narrativas de educadoras/es no ensino remoto: criando espaços para a escuta sensível*. Nesse curso, foi solicitado que relatássemos nossas vivências com o ensino remoto nestes tempos de pandemia. Entre os/as participantes, a grande maioria era de mulheres, professoras da rede pública e/ou privada ou estudantes em cursos de graduação. Quando pensamos em narrar nossas histórias, não podemos apartá-las das nossas vivências e experiências pessoais, acadêmicas e profissionais, as quais estão atreladas a contextos maiores, como os locais por onde circulamos, e as políticas públicas que estão sendo implantadas ou desenvolvidas no estado e no país e que nos impactam em nossas vidas e afazeres cotidianos.

Nesse sentido, penso ser importante lembrarmos o contexto político e social que temos vivido no Brasil a partir do final de 2018, momento em que teço considerações a respeito do atual governo e da pandemia. Na sequência, desenvolvo certas reflexões relacionadas ao ensino remoto e a como me relaciono com essa forma de ensinar e aprender. Essas relações se dão a partir do meu acompanhamento escolar a algumas/alguns estudantes haitianas/os, da minha participação no Fórum Paranaense de Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como da minha inserção no grupo de pesquisa *Identidade e Leitura*, do Departamento de Letras da UFPR, e no projeto de extensão *Diálogos formativos: oralidade, leitura e escrita com a população em situação de rua*, do Departamento de Educação, da mesma instituição, além de meu trabalho voluntário com o *Coletivo Marmitas da Terra*, do Movimento dos Trabalhadores sem Terra no Paraná (MST-PR). As aprendizagens que tenho tido com minha participação voluntária nesses coletivos têm me levado a pensar em quais janelas abrimos e quais escutas fazemos nos espaços educativos pelos quais circulamos e que ajudam a nos constituir como humanos.

A pandemia teve início no Brasil em fevereiro de 2020. Não há como falar desse tempo sem que nos venha à cabeça o que temos vivido desde a mudança do comando do país a partir da eleição de 2018, no âmbito do governo federal, mas também com ressonâncias nos governos estaduais e municipais, alguns favorecendo e sendo favorecidos pela equipe que hoje governa o país, outros contrapondo-se a esse grupo que está no poder. Por que é necessário mencionar questões de poder político no âmbito educacional e, mais especificamente, no que concerne ao ensino e aprendizagem de línguas em nosso país?

Uma possível resposta a essa questão é o fato de a política não se separar das políticas públicas que são pensadas para a educação no país. Como professora aposentada da rede pública de ensino do estado do Paraná, sei bem o quanto essas políticas podem afetar as formas de ver, entender e proceder na educação, além de impactarem o modo de pensar conteúdos, currículos, avaliações e formação de professoras e professores ou outros profissionais que atuem no espaço escolar, bem como atingir a vida de inúmeras/os estudantes que dependem das relações construídas nesse lugar para organizar e orientar seus caminhos.

Uma outra possibilidade que responde a essa questão é a que vem com a forma como a atual equipe de governo pensa o país, fazendo corte de verbas para setores públicos, como o da educação, e estimulando a implantação de mecanismos de controle, com movimentos como o Escola Sem Partido, por exemplo, que não chegou a se consolidar de forma legal, mas está ativo a partir de mães e pais ou responsáveis que assistem, juntamente com seus filhos, às aulas remotas e são favoráveis a esse tipo de controle de espaços educacionais.

Uma terceira possível justificativa seria como a questão da pandemia tem sido conduzida no país, ou seja, a partir de um viés negacionista, que desqualifica o uso de máscaras e de medidas de isolamento social, bem como a necessidade de ter e tomar uma vacina que possa minimizar ou fazer desaparecer a Covid-19. Essa condução tem con-

fundido muitas pessoas, que, por acreditarem na fala de uma parte da equipe de governo ou em *fake news* que correm por aí, têm protelado ou se negado a tomar a vacina, o que faz aumentar as variações do vírus e dificulta seu controle. Isso, por sua vez, pode elevar o número já atingido no Brasil, de mais de meio milhão de mortes devido à Covid-19. Posicionamentos dessa ordem tornam mais lenta a possibilidade de as escolas voltarem a funcionar no modo híbrido ou presencial com segurança, sem colocar em risco a vida de estudantes, professoras/es e funcionárias/os e quaisquer pessoas que estejam envolvidas com aquelas e aqueles que circulam pela escola ou no seu entorno.

Minha relação com o ensino remoto destoa um pouco daquela das/os professoras/es que ainda estão na ativa. Sou professora de inglês aposentada da esfera estadual desde o final de 2018, quando no país vivenciávamos já há dois anos as políticas implantadas pelo governo de Michel Temer, que assumiu o poder em 2016, após o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, com a fase inicial de cortes na educação pública em todos os seus níveis e modalidades. Nesta minha narrativa, me aproximo do ensino remoto a partir da fala de profissionais que atuaram comigo no Centro Estadual da Educação Básica de Jovens e Adultos (CEEBJA) de São José dos Pinhais, do Fórum Paranaense de EJA, das conversas com minha filha, que também é professora da rede pública, além das minhas vivências com estudantes haitianos que residem no município em que nasci e onde moro, São José dos Pinhais, localizado a 12 km de Curitiba.

Com a pandemia e a suspensão das aulas daí resultante, funcionárias/os, professoras/es, estudantes e famílias, tivemos que passar por inúmeras adaptações para tentar dar conta do ensino remoto. A começar pela mudança da sala de aula para dentro de nossas casas, o que tornou mais difícil ainda separar o público do privado e tem deixado muitos pais e/ou responsáveis mais angustiados no intuito de acompanhar e/ou realizar as atividades encaminhadas pela escola. Mas, no

meu caso, foi um pouco diferente. Foi justamente nesses tempos de pandemia, em que muitas pessoas estavam vivenciando o fechar de janelas e as restrições aos espaços do lar, que vivenciei a abertura de novas janelas a partir de um trabalho voluntário de acompanhamento escolar de estudantes haitianas/os que residem na minha cidade, além de participar da produção de refeições para população em situação de rua do Coletivo Marmitas da Terra, do MST-PR, que são preparadas todas as quartas-feiras. Participar dessas atividades tem me permitido viver um dinâmico processo de aprendizagens no viés do que se aproxima da educação popular e da convivência com as gentes.

Quando se pensa no ensino remoto, deve-se considerar que ele pode acontecer de várias formas, em diferentes momentos e com estudantes vivenciando diferentes contextos. No caso das/dos estudantes haitianas/os, trabalho com duas alunas que estão iniciando o processo de alfabetização, uma de 4 e outra de 6 anos, e com um rapaz de 21 anos que está cursando o Ensino Médio na modalidade da EJA, todos na rede pública de ensino, em escolas municipais e em uma escola estadual na cidade de São José dos Pinhais.

A ideia do ensino remoto é que a educação seja possível em tempos de pandemia e isolamento a partir da janela do computador ou da tela dos telefones celulares. Mas como são essas janelas? São as mesmas para todas e todos? A questão é que uma parte das/dos estudantes, e algumas/alguns professoras/es, mais especificamente da rede pública de ensino, devido às suas condições socioeconômicas, ainda não possui, ou possui, mas de forma precária, aparelhos e redes de *wi-fi* que dêem conta de atender a essa proposição. Acrescentem-se a isso as mudanças e adequações que têm que ser feitas tanto por professoras/es quanto por estudantes em seus ambientes domésticos - de uma hora para outra, tiveram que transformar uma parte de suas casas em salas de aula improvisadas, com as mais diversas interferências, desde ter que compartilhar computador ou celular com mais de um

estudante na família ao mesmo tempo a ter que lidar com ruídos e animais domésticos e redes de *internet* que caem com frequência ou são lentas e não suportam a tecnologia necessária para esse tipo de ensino. Como saída, as escolas têm oferecido atividades impressas para as/os estudantes. E esse é o caso das meninas e do rapaz que atendo, já que no local em que residem é difícil o acesso à *internet* e também, no caso dele, por estar agora trabalhando formalmente, ter que levantar-se ao raiar do dia e só retornar para casa às 20h. As atividades são apanhadas na escola semanalmente e, em casa, na cozinha, local em que há uma iluminação um pouco melhor do que em outros ambientes, em uma mesa um tanto quanto frágil, tentamos nos apropriar dos conteúdos e instruções das atividades que são encaminhadas.

Realizar esse acompanhamento tem me feito pensar sobre os processos educativos que profissionais da educação e estudantes vivenciam. E sobre os processos de escuta que a escola faz e como os faz. Lembro de Paulo Freire (1974) no seu livro *Pedagogia do oprimido*, contrapondo a ação antidialógica e a ação dialógica, e insistindo na necessidade do diálogo e da escuta genuína do outro. Que escutas temos feito? Têm sido escutas genuínas, que consideram de fato os ambientes em que professoras/es e estudantes vivem? Conhecemos suas histórias, suas alegrias, seus medos, suas frustrações? Sabemos dos trajetos que têm que fazer todos os dias para poder minimamente se manter viva/os? Que conteúdos são relevantes para essas pessoas? São os mesmos conteúdos que para aquelas/es que têm acesso a equipamentos, tecnologias, energia, alimentação de qualidade, bens culturais, trabalho bem remunerado etc.? Se sim, de que modo podemos, como professoras/es, pedagogas/os, gestoras/es, funcionárias/os e mães/pais ou responsáveis, contribuir para dar sentido a esses conteúdos e aprendizagens e fazê-los possíveis para essas/esses estudantes?

Esse acompanhamento me remete também e com frequência a outras atividades das quais participo: o Fórum Paranaense de EJA, que faz discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos e como

ela tem se dado no estado do Paraná; o grupo de pesquisa *Identidade e Leitura*, em que fazemos leituras e discussões relacionadas ao ensino e aprendizagem de línguas e decolonialidade; o programa de extensão com o grupo Diálogos, do Departamento de Educação da UFPR, em que trabalhamos com pesquisa com população em situação de rua; e, finalmente, o *Coletivo Marmitas da Terra*, do MST, que prepara marmitas para a população em situação de rua e para famílias que vivem em situação de precariedade em algumas ocupações localizadas na Região Metropolitana de Curitiba. Nesse coletivo do MST, há uma solicitação de que as/os participantes, incluindo aquelas/es que são das comunidades atendidas, estejam inseridas/os em diferentes atividades relacionadas às marmitas, desde o plantio e a colheita de alimentos numa perspectiva agroecológica no Assentamento Contestado, no município da Lapa, até a higienização, corte, cozimento, preparo e distribuição das marmitas em duas praças no centro de Curitiba e em ocupações no entorno da cidade.

Qual a relação entre esses espaços? Todos eles têm me feito aprender e compreender a importância de desenvolver processos de escuta sensível do outro nesses tempos de pandemia e de relações remotas, mesmo que eu tenha, de certa forma, vivido relações um tanto fora do espaço virtual, ou relacionadas com ele de um jeito diferente de outras/os profissionais da educação. Essas minhas vivências têm me levado àquilo que Paulo Freire chama de práxis revolucionária, uma práxis transformadora, que se propõe ao diálogo genuíno com o outro. Não um diálogo de concordâncias, mas, sim, um diálogo de compreensão dos processos do outro e de nós mesmos. De escuta sensível do outro e de nós mesmos. Como estamos olhando para o que nos rodeia? Por quais janelas? Como estamos escutando a nós mesmos e às pessoas com quem convivemos? Essas são questões que têm estado muito presentes e que me têm feito rever muitas das posições que acumulei ao longo da minha vida até aqui.

FOR TO
LIDADE
enriquecimento
AMPARO
aprendizagem

EMOC

ENCANTAMENTO

mento
RATIDÃO
ABAFO CINTILANZA

10

Erion Marcos do Prado

A PANDEMIA NA SALA DE AULA: uma nova forma de ensinar

Há mais de um ano o distanciamento social provocado pelo novo coronavírus fez com que as aulas presenciais fossem suspensas, o que obrigou as escolas a procurarem outras ferramentas para continuar promovendo o ensino. Essa nova realidade, que passamos a viver a partir de então, representou uma nova fase no meu trabalho como docente e tornou o ensino um desafio ainda maior para mim. Se o espaço em que eu outrora trafegava era a sala de aula, onde tinha que conseguir lidar com a indisciplina da turma, o desinteresse daqueles que muitas vezes não encontravam motivação naquilo que eu estava explicando (problemas com os quais já estava acostumado), passo, agora, a usar as redes sociais para tentar ensinar sem saber ao certo quantas pessoas leem as mensagens que escrevo, se entendem os conteúdos que explico, se estou sendo claro naquilo que digo. Se antes eu conhecia as barreiras que precisava transpor, as dificuldades que normalmente iria ter para realizar meu trabalho, neste momento de afastamento social tenho que reaprender a interagir com meus alunos e com outras pessoas no novo universo de ensino que surge.

O avanço da pandemia da Covid-19 fez com que minha sala de aula migrasse para a *internet* e, com isso, não tenho precisado percorrer diariamente o longo trajeto da minha casa até o trabalho. Não tenho mais que passar pelos corredores lotados de alunas e alunos, que, em sua pressa cotidiana de se encontrar com os colegas, muitas vezes trombavam com os que cruzavam seu caminho. Não tenho mais que saudar as professoras, os professores e outras pessoas que encontrava na escola. Aliás, ultimamente não tenho encontrado muita gente, já que vivemos em um período em que devemos restringir nossa circulação na sociedade.

O meu trabalho, atualmente, acontece no ambiente virtual. Tenho que postar minhas atividades em grupos de WhatsApp e sanar, através de mensagens que troco com minhas turmas, as dúvidas que aparecem. Detalhe: detesto as redes sociais, não gosto dessa parte

do mundo virtual. Não tenho Facebook nem Instagram. Não gosto de ligar a câmera quando estou na frente do computador, muito menos de falar no microfone. Não mando áudio no WhatsApp, o que me leva a fazer interações sempre por escrito, em mensagens curtas, tentando ser o mais claro possível.

Sem precisar sair de casa para chegar até a escola, recebo, a qualquer hora do dia ou da noite, em qualquer dia da semana, a resposta de um exercício que propus, uma dúvida de algum aluno, a convocação para uma reunião, o convite para algum curso. E ainda que sejam poucos os alunos que respondem às solicitações que faço, a nova realidade que vivemos tem apagado as fronteiras, outrora mais claras para mim, entre o público e o privado, entre o profissional e o pessoal. Agora não só trago serviço para casa como também trabalho na maior parte das vezes em casa.

Se por um lado a necessidade de isolamento gerou uma grande e rápida evolução das ferramentas tecnológicas utilizadas no ensino, por outro lado a impossibilidade de algumas pessoas terem acesso a essas ferramentas evidencia ainda mais as diferenças sociais que imperam no Brasil. Nem todos os alunos com quem trabalho têm computadores ou *smartphones* com *internet* que lhes permitam realizar as atividades, que agora são desenvolvidas de forma virtual. Muitas vezes, para fazer os exercícios que eu peço, os estudantes me dizem que pegam os aparelhos celulares dos pais nos finais de semana, único momento em que parecem ter acesso a eles. Isso evidencia que um dos grandes desafios da docência continua sendo o de promover acesso universal às ferramentas de ensino, já que a escola, sobretudo a escola pública, lida com um público muito diverso, formado por pessoas muito carentes financeiramente.

A crise sanitária que vivemos esvaziou os prédios escolares, que ficaram com os corredores silenciosos, com as salas de aulas sem alunos. Isso fez com que diferentes esferas da sociedade se unissem para

garantir que as crianças e os adolescentes tivessem acesso à educação. A busca ativa se tornou mais uma das obrigações dos profissionais do ensino, que agora devem, literalmente, ir atrás de seus alunos. Passada a pandemia que assola o mundo, todos certamente lutaremos, como sempre lutamos, para ocupar os espaços vagos nas escolas, para preencher os bancos que não estiverem ocupados. Buscaremos novamente nossos alunos em suas casas para que eles possam voltar para as salas de aula, porque nós, professoras e professores, sempre fizemos isso, sempre estivemos dispostos a dar o máximo para proporcionar uma educação de qualidade para todos. Ligaremos para mães e pais perguntando o porquê da ausência da sua filha ou do seu filho na escola. Ouviremos pacientemente suas justificativas e tentaremos ajudar como pudermos. Isso já faz parte da nossa realidade.

Contudo, alguns não voltarão mais. No momento em que escrevo este texto, recebo a notícia de que uma professora que trabalhava comigo faleceu em decorrência de complicações causadas pela Covid-19. Quando voltarmos para a escola, o armário dela estará vazio, a turma pela qual ela era responsável será repassada a outro profissional, as atividades que ela propôs para os alunos provavelmente ainda estarão sobre a mesa para que ela as corrija, e continuaremos recebendo materiais daqueles que não conseguiram entregar na data estipulada. E o lugar que ela ocupava na escola continuará vago, ou melhor, será preenchido apenas pelas lembranças daqueles com quem ela conviveu.

Quando tudo voltar ao normal (é, tudo tem que voltar ao normal), quantas cadeiras das escolas espalhadas pelo Brasil estarão vazias? Quantos alunos, quantos professores, quantas pessoas deixarão de ocupar o lugar que outrora ocupavam nas escolas e no mundo? E não será uma ausência passível de solução com uma simples busca ativa. Não nesses casos.

Queremos continuar vivendo nossas vidas como se nada tivesse acontecido e já apelidamos a forma como sobrevivemos a tudo

isso até agora de “novo normal”. Mas, ao contrário do que dizem, não é normal ver pessoas morrendo diariamente em decorrência de uma doença contra a qual já existe vacina. Não é natural que, pela inação de alguns governantes, alguém ainda padeça por algo quando não precisava mais padecer.

Essas ausências se concretizam nas escolas, que, agora, com as aulas remotas, estão todas arrumadas, limpas, tranquilas e, sobretudo, vazias.

S U M Á R I O

ENCANTAMENTO

mento
RATIDÃO

ABAFO CENTILEZA

FOR TO
LIDADE
enriquecimento
AMPARO
aprendizagem

EMOC
ENCANTAMENTO

mento
RATIDÃO
ABAFO CINTILAZA

11

Josemari Poerschke de Quevedo

**CARTA
DE UMA PESQUISADORA
ILUMINADA**

Tudo começou com um mês sem podermos sair de casa por causa de uma gripe forte que surgiu na China. Em princípio, pelo caráter de novidade, aquele período passou rápido, enquanto também rápido a gripe se espalhava e chegava mais perto do meu país, da minha cidade. Depois de um mês, tivemos que ficar mais um período em casa, porque não havia vacina ainda e a gripe coronavírus, ou Covid-19, se tornava cada vez mais familiar, aparecendo nos noticiários, nas conversas corriqueiras com amigas e família. Um sentimento de medo escondido crescia e aos poucos entrava cada vez mais no nosso cotidiano.

Eu havia defendido minha tese de doutorado em Políticas Públicas em 2019, na UFPR, e tive uma exaustão enorme daquele processo de estudo. Para piorar, durante todo o ano de 2020, fiquei sem produzir e tentando entender o que acontecia, afastada da universidade e das amigas e amigos. Concordo muito com a ideia de Paulo Freire de que nosso aprendizado só acontece realmente em contato com a outra e o outro, em um intercâmbio de emoções, saberes, entendimentos e, sobretudo, diálogo. Assim, me obriguei a retomar algumas poucas atividades. Para mim foi uma fase muito difícil, por ter que me adaptar a encontrar as pessoas apenas *on-line* a partir de então. Eu considerava um verdadeiro absurdo ter que participar de aulas, congressos, seminários e demais atividades acadêmicas somente por meio de alguma plataforma! Sentia-me, como observa Carvalho (2020), uma *hamster* de laboratório, trabalhando isolada: me faltavam o contato humano e as conversas. Afinal, precisamos dar voz e ter voz e “não há diálogo sem locutor e interlocutor” (CARVALHO, 2020, p. 148). De forma *on-line*, infelizmente, perdemos muito das nossas capacidades interativas se comparadas a encontros ao vivo. Eu estava, na verdade, muito sozinha e calada. A minha dimensão emocional havia sido afetada e também a fluidez na interação com os outros, considerando que razão e emoção estão interconectadas, como avalia Jordão (2019).

Nunca fui muito adepta, nem acredito em metodologias de ensino totalmente EaD, por isso, para mim, todo esse universo de Meets, Zooms e Teams eram atalhos para situações de emergência e urgência MESMO. Mal sabia eu que de fato estávamos vivendo um momento imprevisto e que um ciclo de emergência viraria cotidiano, comum.

A ansiedade, a angústia e a solidão também viraram sentimentos corriqueiros, tanto que tive que procurar ajuda na terapia para voltar a ser produtiva, pois não conseguia ter concentração e vontade de fazer atividades – trabalho e estudos – naquelas condições. Nada daquilo fazia sentido para mim... Sentia falta das conversas, da interação ao vivo e da vivência de antes da pandemia.

Eis que 2021 chegou e foi um ano que entrou precisando de cuidados. Eu estava ciente de que dependia apenas de mim para voltar às atividades. Um belo dia recebi um e-mail do Núcleo de Assessoria Pedagógica (NAP) da UFPR, ofertando o curso de extensão sobre escuta sensível e eu pensei: não poderia vir em melhor hora! Exatamente quando eu estava retomando minha vida e me acostumando a esse momento difícil, encontrei um curso em que a sororidade seria a chave para compartilhar pensamentos e emoções com pessoas tão especiais e solidárias. Naquele dia me senti uma pesquisadora iluminada. De fato, eu havia encontrado um grupo não só de apoio e partilha por meio do diálogo, mas um grupo que entendia perfeitamente quão delicado é este momento diferente ao qual estamos tendo que nos adaptar. Como observa hooks ([2013] 2017), a conversa promove compreensão e foi exatamente isso que aconteceu: encontrei um grupo de conversa e estudo, que fazia muito bem essas duas atividades simultâneas de forma acolhedora – havia um reconhecimento mútuo.

A dinâmica do curso me fez pensar em quanto o conhecimento e a partilha de visões são fundamentais e podem nos aquecer em fases muito frias e geladas – digo isso não apenas por causa do inverno, mas pela sombra dos tempos de incerteza em que vivemos. E essas sen-

sações não são quantificáveis, segundo Lima (2021). Para ela, seguindo o pensamento de Paulo Freire, momentos de aprendizagem e troca adentram “sutilezas das sensações prazerosas, expansivas, iluminadas, amorosas, qualificáveis (LIMA, 2021, p.70)”. Por isso digo que sou uma pesquisadora iluminada, estimulada a ir em frente, com novas ideias, fortalecida e, acima de tudo, acompanhada. Consegui esperarçar!

O sentimento se transformou e, se antes era de angústia e solidão, hoje me vejo confiante para realizar meu trabalho e estudos. Recuperei, inclusive, o prazer da escrita e da leitura, dois hábitos que sempre amei e que estavam se tornando momentos de agonia. Tudo isso mudou para melhor e agora espero também auxiliar outras pessoas pelo fato de estar bem e poder proporcionar bem-estar a quem me rodeia.

Sei que a pandemia ainda não acabou e que talvez seja preciso viver mais algum tempo com essa situação, porém não tenho mais tanto medo nem me sinto tão solitária. E isso é ótimo. Uma grande iluminação.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Cristina Moraes de. Sobre a pedagogia do fracasso e do erro: metamorfoses. *In*: SOUZA NETO, Alaim; BIEGING, Patricia (Org.). **O que é ser professxr?** São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 143-151.

hooks, bell. Pedagogia engajada. *In*: hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, [2013] 2017. p. 25-36.

JORDÃO, Clarissa Menezes. O lugar da emoção na criticidade do letramento. *In*: FERRAZ, Daniel de Mello; KAWACHI-FURLAN, Claudia Jotto (Org.).

Bate-papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 59-66.

LIMA, Joedla Rodrigues de. Desafios de um mundo pandêmico. *In*: SOUSA, Cidival Morais de (Coord.). **Cartas a Paulo Freire:** escritas por quem ousa esperarçar. Campina Grande: EDUEPB, 2021. p. 70-76.

12

Lara Bellini

DO CHÃO
DA SALA DE AULA
ÀS PLATAFORMAS DIGITAIS

Das maiores virtudes obtidas pelo ser humano, ensinar com certeza é a melhor delas. Aprender sempre foi uma sensação nova para todos, já que, apesar de estudarmos desde pequenos, todos os dias milhares de novas informações chegam até nós, trazendo-nos uma nova concepção e opinião de coisas vistas antes.

Comecei a lecionar aos vinte e cinco anos, mas, desde pequena, esse era meu maior sonho. Lembro-me de imaginar como seria estar em uma sala de aula, compartilhando com os alunos, da melhor forma, todas as coisas que gostava de aprender, para fazê-los ter o mesmo interesse, encantá-los.

A Língua Espanhola, matéria que leciono, sempre foi bastante subestimada. Entretanto, desde que comecei a estudar Letras, meu objetivo era ter uma boa didática em sala de aula, fazer coisas diferentes para gerar a atenção e dedicação daqueles que iriam me ouvir. Minha maior inspiração para esse trabalho tão magnífico com certeza foi minha professora de Português do ensino médio, que, coincidentemente, também me deu aula da mesma matéria na faculdade. Com ela, eu pude realmente sentir como era mágico educar e como era gratificante compreender a matéria de forma leve. A sensação era indescritível, e eu queria fazer com que futuros alunos sentissem aquilo também.

Hoje, percebo que educar é transformar, é fazer parte da história dos jovens, expandindo suas mentes com ideias, fazendo-os crescer como pessoas, até virarem, por fim, borboletas livres, que voam através de pensamentos.

Durante muitos anos, o chão da sala de aula foi o lugar onde vivenciei minhas maiores experiências – a cada aula, a cada turma, a cada novo dia.

Em 2020, a vida nos surpreendeu e dessa vez um novo vírus causou uma pandemia que fez com que nos recolhêssemos. O planeta estava doente e pediu um tempo. Um tempo que, para nós, seria de umas

duas semanas, não mais que isso, mas foram longos dias, meses em casa. Da noite para o dia, fomos bombardeados de informações sobre esse vírus, o que trouxe muitas sequelas e aprendizados também. Muitas pessoas tiveram que mudar suas rotinas, mas nós, os professores, tivemos que nos reinventar. Nossa casa se transformou em escola e nosso quarto, sala e até mesmo a cozinha viraram nossa sala de aula.

Nossas janelas eram físicas e, agora, encontram-se em plataformas digitais. As janelas da sala de aula, onde muitas vezes os alunos se perdiam em seus pensamentos e nós mesmos observávamos as horas, os dias passando, agora eram ícones de redes sociais, de sala de aula virtual, de aplicativo de mensagens. As janelas de nossas próprias vidas abriram-se, nos permitindo vivenciar novas ferramentas de ensino, novas experiências e muita aprendizagem. Nossas janelas na tela do computador e do celular passaram a ser nossas lousas. Nossos gizos eram nossos dedos.

Para que possamos ensinar, é necessário aprender. Seguimos nessa troca de ensinar e aprendemos muito com os nossos alunos, pois eles nos ensinam a melhor maneira de ensiná-los, já que estão íntimos da tecnologia e dispostos a nos ajudar.

Não apenas nos transformamos profissionalmente, modificamos todos os nossos planos de aulas, planos que realmente nos fizeram enxergar que a vida pode mudar de rumo a qualquer momento, e, com isso, passamos a criar e recriar a cada aula: também tivemos que nos transformar como seres humanos. Fomos mais flexíveis, fomos mais amigos dos alunos, mais empáticos, mais presentes.

A pandemia fez com que nós os ouvíssemos mais e tivéssemos mais interesse em saber qual o método que mais agrada a eles ou com o qual melhor aprendem.

Se ser professor já era uma troca contínua de saberes, agora, em tempos pandêmicos, essa troca ficou mais intensa.

Houve uma revolução no mundo da educação e, assim como o resto do mundo, nós, professores, após a pandemia, também não seremos os mesmos.

Trabalhando *on-line*, pude perceber que há diversas maneiras para compartilhar e construir saberes com os alunos, seja por *slides*, conversas, infográficos ou mesmo através da arte. Todos esses métodos são essenciais para que professor e aluno consigam encontrar a maneira mais acessível de ensinar e aprender, respectivamente, e essas são oportunidades que só tivemos graças à realidade que enfrentamos atualmente.

Para facilitar a minha organização e o preparo para os meus alunos, aprendi a usar novas ferramentas que – acredito – levarei para as aulas presenciais. Neste momento, são mais do que essenciais, já que é preciso não só trocar o conteúdo da disciplina, senão algo que deixe a vida mais leve. Como estamos distantes, torna-se difícil saber se estão copiando a matéria ou prestando atenção, por exemplo. Tivemos um tempo maior para explicar o conteúdo, mas nem sempre a tecnologia é nossa aliada e nem sempre os alunos reagem como esperamos – às vezes eles são apenas um nome na lista da plataforma, pois não sabemos se realmente estão presentes. Com frequência estávamos na companhia apenas de um equipamento, a câmera, e nossos alunos eram as imagens ou fotos.

Cabe a nós trabalhar as competências socioemocionais, claro que com a parceria da família, pois todos estamos juntos enfrentando este momento desafiador.

A adaptação nem sempre é algo fácil, leva tempo; eu mesma pensava não dar conta de ensinar à distância, acreditando que não seria capaz. Lembro-me de recusar tantas aulas particulares *on-line* dizendo que, para mim, a aula teria que ser ali, na presença do aluno. Perdi muitas oportunidades e eis que a vida não me dá muita escolha nesse momento.

A princípio, chorei muito, me senti insegura, tremi: era como se eu estivesse em meu primeiro dia como professora, como se fosse minha estreia na sala de aula. E, de fato, era mesmo. Porém, respirei fundo e fui lá. Todos ali me esperando e eu não queria mostrar a minha fragilidade. Não por mim, mas por eles. Eu queria muito que eles acreditassem que estava tudo bem, que tudo iria passar e que logo estaríamos juntos fisicamente, que eram momentos difíceis, mas que eles não estavam sozinhos.

Fiz o melhor que pude, venci meus medos, me aperfeiçoei, entrei com um sorriso nos olhos, porque aprendemos a falar com eles. Aprendemos a ler os olhos, a interpretar as emoções através da tela e, mesmo distantes, sinto que estamos mais perto do que nunca. Vivenciamos todas as emoções e *emoticons*.

Por lecionarmos há bastante tempo, já estávamos acostumados a encarar uma boa quantidade de rostos, já sabíamos como dividir nossa atenção entre todos eles. Imagino como deva ser difícil para professores que iniciaram sua carreira durante a pandemia, sem nenhuma experiência no ensino presencial, mas eles também estão fazendo história e História.

Todavia, apesar de todas as complicações iniciais, sinto que me reinventei de diferentes maneiras e, após meses vivendo essa nova realidade, creio que consigo transmitir a segurança que sinto aos meus alunos, deixando-os confortáveis para opinar sobre a aula, perguntar sobre os assuntos e dar ideias, criando uma boa conexão entre aluno e professor, pois, para mim, a definição de conexão vai além da rede.

A pandemia que enfrentamos é efêmera, mas tudo o que vivemos será eternamente lembrado. Atualmente, meu maior objetivo profissional é transformar os momentos com meus alunos em experiências agradáveis, que gerem futuros resultados e ótimas memórias.

Os jovens de hoje serão os heróis de amanhã e nós, professores, sempre estaremos por perto para incentivá-los a usar os seus superpoderes. Tudo isso vai passar e esses momentos ficarão eternizados. Acreditamos que podemos ser uma inspiração na vida deles, porque é por eles que a gente encontra força para seguir e amar a nossa profissão.

S U M Á R I O

ENCANTAMENTO

mento
RATIDÃO

ABAFO CENTILEZA

FOR TO
LIDADE
enriquecimento
AMPARO
aprendizagem

EMOC
ENCANTAMENTO

mento
RATIDÃO
ABAFO CINTILEZA

13

Bianca de Campos

**AFETOS,
PANDEMIA E EDUCAÇÃO!**

*Quando não houver caminho
Mesmo sem amor, sem direção
A sós ninguém está sozinho
É caminhando que se faz o caminho
(Enquanto houver sol – Titãs)*

Início o meu relato de experiência usando como epígrafe um trecho da música *Enquanto houver sol*, da banda Titãs, com o objetivo de (re)lembrar que, mesmo em meio a tantas mortes em nosso país, dificuldades, incertezas e medos decorrentes do tempo pandêmico que vivemos, entendo a necessidade e urgência de continuar caminhando enquanto professora da educação básica, buscando sempre trabalhar nas brechas. Com o intuito de situar e compartilhar minha trajetória como educadora linguística, começo narrando quem eu sou, quais são as minhas vivências, experiências e identidades que me atravessam.

Sou doutoranda em Letras da UFPR e professora da educação pública do Estado de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis. Atuo no sistema híbrido (me questiono se isso existe de fato), que aqui começou a acontecer em 1º de março de 2021. Esse modelo consiste basicamente em dividir as turmas em momentos presenciais (uma semana as aulas acontecem na escola) e momentos remotos (as aulas acontecem no ambiente virtual do Google Sala de Aula, com o envio de atividades e uma aula síncrona ao longo da semana). Nesse contexto sou professora de Língua Portuguesa e Literatura para o ensino médio. Trabalho com essa disciplina e faixa etária também no modelo 100% remoto, no qual faço postagens de materiais e atividades para os alunos, e a cada quinze dias temos um encontro síncrono para tirar dúvidas pontuais.

Atuo ainda como professora de Língua Inglesa na Educação de Jovens e Adultos, com alunos do sistema de privação de liberdade. Com esse grupo o processo de ensino e aprendizagem acontece 100% de modo remoto e sem aulas síncronas. Assim, minha docência no espaço de privação de liberdade se resume à elaboração e

correção de materiais desses alunos. Minha vida na pandemia se divide entre meus estudos do doutorado, em que conto com a companhia amorosa do meu dog, Jimmy, e meus momentos em sala de aula – ora com alunos, ora sem alunos.

Sempre fui uma professora otimista, daquelas cheias de entusiasmo, que carrega em meio aos textos o desejo de compartilhamento das experiências da e na linguagem. Gosto de problematizar a educação linguística com meus alunos desde o primeiro dia de aula: independente da série, apresento a discussão sobre concepção de linguagem, tentando mostrar que nossas aulas de línguas devem ser pensadas a partir de nossas vivências, sentimentos, afetos e desafetos, mediados por nossas práticas de linguagem. Faço perguntas como: a) Quem aqui odeia Língua Portuguesa? b) Ou Língua Inglesa? c) Quais os seus sentimentos em relação a essa língua? Como professora de línguas, sei que muitos alunos não ficam tão à vontade com as aulas, por se sentirem muitas vezes “diminuídos e esmagados” pela tão falada “norma culta”.

Falar de afetos na educação durante uma pandemia, quando vivemos o caos, situação na qual perdemos diariamente pessoas queridas, é desafiador, considerando que estamos em um país governado por um presidente que trata o vírus da Covid-19 como “uma gripezinha”. O isolamento social e este governo estão nos consumindo física e emocionalmente, pois somos atravessados a todo momento por esses afetos e são justamente eles que movem nossos corpos. Entendo afetos com base em Spinoza (e nas longas conversas com meu querido amigo Ricardo Peixoto, que afetuosamente me auxilia a questionar a esfera moral para pensar afetos). Spinoza (2008, Def. 3, p. 163) vê nos afetos “uma ação; caso contrário, uma paixão”.

No início do período letivo, em 18/02/2021, a ansiedade tomou conta da semana pedagógica: a insegurança era a palavra de ordem. Eu e meus colegas ainda não sabíamos como seria nosso ano, tampouco quais seriam os encaminhamentos do governo do estado para

o retorno às aulas presenciais. No dia 1º de março, fomos obrigados a voltar ao modelo presencial de educação. Alunos e professores compartilhavam naquele momento o sentimento de dúvida, desesperança, medo. A lista era extensa.

As primeiras conversas que tive com meus alunos foram com o intuito de entender quais os motivos que os levaram até ali, a escolher as aulas presenciais (confesso que antes dessa conversa achava um absurdo alguém em plena pandemia optar pelo ensino presencial). Quando questionados, os alunos apresentaram motivos muito parecidos: “- Prof, eu não consigo aprender sozinho, preciso de explicação, é muito difícil estudar em casa”.

Com o passar dos dias de aulas e com o desenvolvimento da nossa relação dentro do contexto escolar, os relatos foram sofrendo alterações de sentidos: “- Prof, tô aqui porque não aguento mais ficar isolado”.

Certo dia fui questionada por um aluno: “- Prof, a senhora sabe o que é quando a gente sente o coração acelerado, um sentimento estranho de agitação? Eu sinto isso todos os dias e não sei o que fazer”. Como não falar de afetos? Olhar para um adolescente de 15 anos e perceber que ele está passando por algo parecido com depressão, síndrome do pânico, ansiedade. O que falar? Mesmo com a voz embriagada de afetos, respondi que todos estamos passando por este momento, pois a pandemia nos priva de muitas coisas, e diante disso ele precisava achar meios de lidar com esses afetos! Contei como eu lido com a minha ansiedade: escutando uma música, tomando uma xícara de chá e respirando. Essas conversas com alunos somente ratificam que não existe educação sem afetos. Isso tudo no modelo híbrido.

E no remoto? No remoto somos obrigados a estar ali, estilo “missa de corpo presente”. Pessoas morrendo, pessoas passando fome e nós estamos ali, fingindo que a educação não pode parar, sobrecarre-

gando alunos e professores com a demanda da vida *on-line*. Será que existe outra vida fora da vida *on-line*?

E os alunos privados de liberdade? Como trabalhar uma educação linguística crítica por meio de blocos de atividades que somente elaboramos e enviamos para eles? Como lidar com a falta de material? O material a que me refiro nesse caso é lápis e borracha, coisas básicas! Isso acarreta atividades entregues em branco. Ao questionar as coordenadoras sobre as atividades em branco, recebemos a seguinte resposta: “Os alunos estão autorizados a comprar lápis e borracha no pecúlio”.

Para quem não tem tanta familiaridade com espaços de privação de liberdade, o pecúlio é um momento em que reeducandos podem adquirir uma lista de produtos que são vendidos dentro do complexo penitenciário. Essa resposta me leva a outras perguntas, tais como: a) E aqueles que não têm direito ao pecúlio? b) Eles ficam sem fazer a atividade? c) Eles ficam sem a remissão da pena? Lembro que a educação dentro do sistema prisional brasileiro é amparada na Lei de Execução Penal, nº 7.210/1984, cujo principal objetivo é a formação educacional dos reeducandos. Muito além dos quesitos mencionados na lei, está a ressocialização desses sujeitos? É essa a educação para todos prevista no Artigo 205 da Constituição Brasileira?

Geralmente, nós, professores do sistema penitenciário, em nossas atividades presenciais, somos considerados a resistência dentro do sistema, pois muitas vezes questionamos algumas ações referentes aos nossos reeducandos, que são impostas de forma violenta. E agora? Nós não estamos lá, quem vai olhar por esses alunos? Quem vai garantir o direito ao acesso à educação desses corpos?

Acredito que o modelo de educação ofertado pelo Estado de Santa Catarina está longe de ser exemplar e contempla um número muito pequeno de alunos, visto que muitos acabam abandonando os estudos devido às mais variadas consequências da pandemia em

suas vidas familiares. Eu, como educadora linguística, procuro estabelecer um diálogo sensível com meus alunos, pois todos nós estamos sendo afetados. Concluo a minha narrativa citando bell hooks (2013, p. 201): “Por isso, uma das responsabilidades do professor é criar um ambiente onde os alunos aprendam que, além de falar, é importante ouvir os outros com respeito”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 7.210, de 11-07-1984: institui a Lei de Execução Penal. *In*: BRASIL. **Código Penal, Código de Processo Penal, Constituição Federal**. São Paulo: Saraiva, 2005.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SPINOZA, Baruch. **A ética**. São Paulo: Abril, 1979. (Coleção Os Pensadores)

14

Maria Luiza de Paula

**NARRATIVA
DE ESTAGIÁRIA:**
ressignificando vivências
em uma sala on-line
de professores

A pandemia deu *start* em muitas ações que hoje eu não me enxergo vivendo sem, como, por exemplo, fazer compras *on-line*. Com essa prática, percebi que, só de comentar sobre o produto que eu gostaria de comprar, milhões de anúncios apareciam nas mais diversas plataformas digitais que fazem parte do meu cotidiano.

“Seria eu, então, alguém importante o suficiente para que o Google lembrasse tanto assim de mim e de minhas vontades?” A resposta é não, porque, na verdade, eu fazia – e faço – parte de um conglomerado de dados em algoritmos dentro de matrizes de informações pertencentes ao Google e ao mundo digital.

A sensação de ser só mais um dado me corroeu durante boa parte da *Pandy* (apelido carinhoso para a pandemia da Covid-19). Entre outros motivos, eu tinha apenas 19 anos quando tudo começou – 19 anos de utopias e de anseios que foram colocados em xeque quando, de repente, a pedagogia dos multiletramentos se tornou inacessível; a liberdade de Freire, irreal; os enunciados de Bakhtin, perdidos no espaço-tempo, restando a mim somente as cruéis dúvidas de “Como chegar em meu aluno que sequer tem celular para acessar as aulas?”, “Como ser um ponto de acolhimento e de carinho para ele, mesmo tão distante?”, “Como alcançar meu aluno?”.

Claro que todos os pontos pensados no parágrafo anterior foram mesclados com o outro lado da moeda devido ao fato de que eu também era – e continuo sendo – aluna. E, como aluna, também tinha meus medos e anseios, minhas insatisfações e queixas. Surgiram, então, a partir desse meu sujeito, mais perguntas: “Como eu faço para ajudar meu professor a dar uma aula que não seja tão parada?”, “De que forma posso ajudar meus colegas com os trabalhos?”, “Como eu faço para alcançar meu professor?”.

Nesse sentido, com tais questionamentos, muito me recordei do que a professora Carvalho (2020) refletiu sobre o que é ser um

professor, especificamente no desabafo sobre sua experiência quando era mais jovem:

E, assim, no alto da minha arrogância dos meus 18 anos eu jurava que deveria conduzir meus alunos, ensinando língua portuguesa por meio dos clássicos da literatura, do ensino da gramática por meio do uso-reflexão-uso, como eu estava aprendendo na graduação, e a produção de texto a partir da teoria dos gêneros textuais, e que tudo seria perfeito. O problema é que eu esqueci um pequeno detalhe: meus alunos (e eu também) somos humanos. (CARVALHO, 2020, p. 143).

Dessa forma, a reflexão da professora nos leva à sensibilidade de tentar, assim como ela tentou, responder a algumas perguntas: o que é ser professor, o que é uma escola, o que é um aluno e, ainda mais, como todas essas representações se relacionam com o atual cenário pandêmico, que, entre tantas repercussões, fez aflorar a percepção e o reconhecimento de que somos todos humanos?

Você, meu caro leitor, pode estar se perguntando agora: “Como você ia conseguir alcançar alguém se você, Malu, sequer tinha se alcançado ainda?”. E, realmente, era esse o ponto. Mas, diferentemente de você, meu interlocutor, eu demorei para perceber isso. Demorei porque a percepção de que eu não passava de um dado para o mundo ainda me assombrava. “Sou um dado”, eu pensava. E nem era aquele com faces, vértices e sei lá mais o quê... era múltipla, mas não passava de um dado.

Desesperança, desânimo, cansaço e ansiedade coexistiam em meu coração. Tamanho era o desespero que eu queria que 2021 chegasse logo, mas, quando ele chegou, grande foi a maré de decepção. Meus alunos continuavam longe do contato com a pedagogia que eu estudava, e meus professores continuavam distantes da implementação da pedagogia que ensinavam. E eu... eu me deixava sempre para o dia seguinte, que demorou a chegar.

Em meio ao caos interno (e externo) que relatei (e dei brechas [eu espero] para que você subentenda), dei continuidade às compras *on-line*. E essa prática, a partir de então, me era cada vez mais fácil, porque a estagiária aqui estava ligeira! Se eu quisesse comprar X, bastava conversar sobre X, e as melhores ofertas me apareceriam em alguns instantes.

Nesse raciocínio, é comum que torçamos para acontecer uma guinada na vida, e o que estava prestes a acontecer eu não estava esperando (por mais que, internamente, estivesse precisando muito). Isso porque, em meados do mês de abril de 2021, fiz parte de uma roda de conversas em que listei, junto aos meus colegas presentes na hora, as saudades que tinha relacionadas à atividade escolar. Saudade da correria, do giz, do café na sala dos professores, de merendar no intervalo e de partilhar. Na manhã seguinte, quando abri as notificações do meu celular, eu me deparei com a oferta do curso para o qual agora escrevo.

Obra do acaso ou não, eu me senti mais – muito, muito, muito mais – que um dado algoritmo selecionado pelo Google. Me senti contemplada quando fui selecionada para participar desse curso de extensão e agora, já finalizando a minha narrativa, percebo quantas aprendizagens e risadas construí com a equipe que se empenhou tanto para que o curso pudesse acontecer.

Por conta de os encontros serem nas tardes de quarta-feira, o dia mais aguardado da semana até mudou de nome; se antes era a minha saudosa sexta-feira, agora era a minha querida quarta! Tal ansiedade se justifica pelo fato de que nesse dia eu poderia respirar e me sentir parte de uma sala dos professores – sala essa em que, tão logo me apresentei, me declarei como a estagiária do grupo. Acredito que colou bem, pois alguns lembrarão de mim assim.

Sinto como se essa saudade que eu tanto acumulei em lembranças pudesse agora ser amenizada, a partir da construção de apren-

dizagens que fomentamos em grupo. A correria do *on-line* continua propícia a resultar em boas brejas em uma sexta à noite; o giz pode ser o *padlet* ou o *canva*; o cafezinho eu tenho que ter cuidado com a quantidade que tomo; e a partilha... como é bom partilhar! Como foi maravilhoso partilhar com o grupo, que fez tão presente a caracterização de uma sala de professores nos moldes *on-line*, me lembrando como professores amam e precisam se comunicar. Como foi intenso praticar a escuta e a fala sensíveis! Como foi importante para todas as minhas saúdes me permitir esse tempo para mim e não me deixar para depois, pois isso está me ajudando a me alcançar e, me alcançando, eu posso ampliar os horizontes de conhecimento e estar mais apta a ajudar outrem a alcançá-los também.

Graças ao curso, ampliei muito mais que teoria: ampliei saberes, métodos, conhecimentos, vivências e (por que não?) narrativas. Narrativas que me perceberam e que me ajudaram a me perceber e a me sentir possível. Pude, a partir dessa experiência, exercitar o poder da ressignificação, termo trazido e explorado pelos ventos da pandemia.

E ressignificar é bom, sabe? Deixa mais leve.

A vida e o caos.

REFERÊNCIA

CARVALHO, Maria Cristina Moraes de. Sobre a pedagogia do fracasso e do erro: metamorfoses. *In*: SOUZA NETO, Alaim; BIEGING, Patricia (Org.). **O que é ser professxr?**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 143-151.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Ana Paula Marques Beato-Canato:

Mãe de Gabriel e Helena, que a desafiam diariamente a aprender a ouvir mais do que falar e sempre esperar, como nos ensina Paulo Freire; esposa, filha, irmã, amiga, orientadora, sonhadora. Graduada em Letras (UNESP-Assis), mestre e doutora em Estudos da Linguagem (UEL-Londrina), com pós-doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (UFRJ). Professora de Língua Inglesa e do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Paraná; vice coordenadora do Núcleo de Assessoria Pedagógica da mesma instituição e participante do Grupo de Pesquisa Identidade e Leitura. Pesquisadora e orientadora na área de Linguística Aplicada, com os seguintes interesses atualmente: formação de professoras, educação linguística, materiais didáticos e questões identitárias.
E-mail: anabeatocanato@gmail.com

Denise Mohr:

Professora de Português aposentada da Rede Municipal de Ensino, ainda atua na rede pública estadual. Licenciada em Letras Português-Italiano pela Universidade Federal do Paraná, com mestrado em Estudos Linguísticos pela mesma instituição. Tutora da Bia, do Logan, da Gabi, do Luke e do Tinho (ele nos deixou em abril de 2021), cuja companhia tornou mais leves os dias de isolamento e ensino remoto.
E-mail: demohr@yahoo.com

Hellen Christina Gonçalves:

Professora de Língua Espanhola no campus Curitiba do Instituto Federal do Paraná (IFPR). Licenciada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), fez mestrado em Livro e Literatura Infantil e Juvenil na Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Possui licenciatura em Pedagogia e mestrado em Educação, ambos pela UFPR, onde também cursa Letras Polônês. Ama seus cachorros e cheiro de chuva.
E-mail: hellen.hcg@gmail.com

Katia Bruginski Mulik:

Professora de Língua Inglesa na rede pública estadual desde 2008, trabalhando na mesma escola em que estudou. Adora cozinhar, fazer bolos e aprender novas receitas. Acredita que a comida une as pessoas e que preparar uma refeição é um ato de amor. Atua na formação docente em um projeto de formação continuada da própria secretaria (SEED-PR) e em parcerias voluntárias com universidades. cursou doutorado em Letras na Universidade de São Paulo (USP) e mestrado em Estudos Linguísticos e Literários na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

E-mail: katiamulik@yahoo.com.br

Millene Barros Guimarães de Sousa:

Professora de escola pública, atuante na Educação Básica, acredita na transformação social por meio da educação; mulher, filha, esposa, irmã, companheira, luta pelo direito de ser quem deseja ser. Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná.

E-mail: millenebarrosg@gmail.com

SOBRE OS AUTORES E AUTORAS

Bianca de Campos:

Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná; mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015); professora da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina.

E-mail: bianca.prs@gmail.com

Camila Haus:

Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, linha de pesquisa: Linguagens, culturas e identidades: ensino e aprendizagem. Tem interesse pelos estudos da avaliação no ensino de língua inglesa, decolonialidade, translanguagem, Inglês como Língua Franca, Letramento Crítico e Multiletramentos. Integrante do Grupo de Pesquisa Identidade e Leitura e do Grupo de Estudos Multiletramentos e Multimodalidade na Formação de Professores de Línguas Estrangeiras. Professora de inglês na Academia de Línguas do Paraná e na UTFPR Idiomas.

E-mail: camila.haus@gmail.com

Elza de Fátima Dissenha Costa:

Professora de Língua Inglesa aposentada pela rede pública de ensino do estado do Paraná. Atualmente participa do grupo de pesquisa Identidade e Leitura, do Programa de Pós-graduação em Letras, e do projeto de extensão *Diálogos Formativos: oralidade, leitura e escrita com população em situação de rua*, do Setor de Educação, ambos da UFPR. É também integrante do Fórum Paranaense de Educação de Jovens e Adultos, além de desenvolver trabalho voluntário de acompanhamento escolar de estudantes haitianos e de participar do Coletivo Marmitas da Terra, do Movimento Sem Terra (MST-PR).

E-mail: elza.dissenha@gmail.com

Erion Marcos do Prado:

Profissional da rede municipal de ensino de Araucária. Atua como professor de suporte pedagógico de língua portuguesa, auxiliando alunos com dificuldades de aprendizado. Doutor em Literatura. Atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado em Literatura na UFSC.

E-mail: erionp@yahoo.com.br

Josemari Poerschke de Quevedo:

Doutora em Políticas Públicas pela UFPR, mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS, jornalista. Atualmente é pesquisadora do Grupo de Pesquisa Comunicação Eleitoral (CEL), vinculado ao Departamento de Comunicação da UFPR.

E-mail: josemari.quevedo@gmail.com

Lara Bellini:

Licenciada em Letras (Português - Inglês - Espanhol) e pós-graduada em Ensino da Língua Espanhola, Tradução Português e Espanhol e Língua Espanhola e suas Literaturas.

E-mail: lara.bellini@hotmail.com

Maria Luiza de Paula:

Graduanda do curso de Letras – Português/Inglês (Licenciatura Plena) pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e Faculdade de Ciências Humanas, Educação e Linguagens (FFCHEL/UFLA). Membro do Grupo de Pesquisa TEXTUALIZA (Textualidades em Gêneros Multissemióticos e Formação de Professores de Língua Portuguesa). Bolsista do Programa de Residência Pedagógica em Letras (CAPES/UFLA).

E-mail: marialuiza.paula.3@gmail.com

Marlene de Almeida Augusto de Souza:

Foi professora na educação básica em escolas públicas de São Paulo por 18 anos; atua na formação de professores de inglês há 22 anos. Atualmente é professora em uma universidade federal no Nordeste. Adora viajar, porque entende como uma oportunidade para conhecer outras perspectivas a partir de todos os sentidos, seja pela visão, audição, olfato, paladar, sensação tátil. Cursou o mestrado e o doutorado em Estudos Linguísticos e Literários na Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: marlene04@academico.ufs.br

Rogério Alexandre das Dores:

Mestrando em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), especialista em Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação para o Ensino Básico pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Licenciado em Letras, habilitação Português/ Espanhol, pela Faculdade CCAA, possui DELE Superior pelo Instituto Cervantes. Atuou como professor do Curso de extensão Expressions, da Universidade Federal de São João del-Rei. Tem experiência internacional (Espanha e Chile) e em cursos livres e pré-vestibulares, com ênfase em Espanhol.

E-mail: rogerio@escuelabellavista.cl

ÍNDICE REMISSIVO

A

ansiedades 11, 16, 27, 34, 45, 47, 49
aulas síncronas 59, 62, 71, 74, 123

C

conexão 12, 19, 86, 120
conhecimento 35, 39, 95, 96, 114, 132
criatividade 19, 98

E

educação básica 40, 46, 58, 123, 136
educadoras 10, 11, 16, 24, 25, 27, 28, 35,
37, 43, 53, 61, 69, 101
emoções 10, 12, 14, 15, 17, 19, 20, 21, 23,
25, 31, 32, 33, 36, 38, 40, 47, 58, 59, 60,
61, 62, 63, 82, 92, 94, 97, 98, 113, 114,
120
encontros virtuais 41, 82, 96
ensino-aprendizagem 31, 32, 33, 35, 58,
71, 95, 97
ensino médio 60, 67, 117, 123
ensino remoto 10, 11, 12, 16, 17, 18, 19,
20, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 35, 58, 59,
60, 61, 62, 63, 65, 69, 71, 72, 82, 85, 97,
100, 101, 103, 104, 133
escutatória 15, 16, 23, 25, 35

I

isolamento 14, 15, 19, 20, 21, 46, 61, 96,
102, 104, 109, 124, 133

L

língua inglesa 12, 23, 70, 135

P

pandemia 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19,
20, 21, 22, 27, 28, 31, 32, 37, 41, 45, 46,
48, 50, 51, 53, 54, 58, 59, 62, 63, 64, 65,
68, 70, 73, 74, 75, 77, 78, 81, 82, 84, 85,
87, 88, 94, 101, 102, 103, 104, 106, 107,
108, 110, 114, 115, 117, 118, 119, 120,
122, 124, 125, 126, 129, 132
pesquisadora 12, 21, 112, 114, 115, 136
plataformas digitais 13, 21, 116, 118, 129
políticas educacionais 31, 81
processo de ensino 14, 58, 95, 97, 123

R

relato 22, 50, 69, 97, 123
rizomática 11, 16, 45, 55

S

sensibilidade 17, 35, 52, 130
sentimentos 10, 12, 15, 16, 18, 19, 20, 21,
22, 27, 46, 62, 80, 81, 89, 94, 96, 97, 98,
114, 124
sociedade 42, 43, 46, 54, 75, 81, 97, 108,
109
solidão 11, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 31, 32,
64, 65, 89, 114, 115

T

tecnologias digitais 14, 15
trabalho docente 11, 17, 31, 32, 64, 66, 68
trajetória 11, 16, 31, 45, 55, 123

CONFORTO

SENSIBILIDADE

AFETO

enriquecimento

AMPARO

aprendizagem

www.PIMENTACULTURAL.com

companheirismo

Empatia

ENCANTAMENTO

NTILEZA

escuta

sensível

encantamento

AMOROSO

PARTILHA

acolhimento

alegria

tranquilidade

GRATIDÃO

DESABAFO

NARRATIVAS DE EDUCADORAS/ES NO ENSINO REMOTO

criando espaços para a escuta sensível



Programa de
Pós-Graduação
em Letras - UFPR

